

*Fereziroaastro
Taus, REBECA*

CONTROLE SOBE A CARACTERISTICA POR ALGUNS MOMENTOS

- NARRADOR Ao final do sétimo capítulo desta novela, deixamos Haroldo Berlinck no seu quarto de enfermo, frente à frente com sua esposa, depois de uma separação de quasi três meses em que ela simulou estar ferida, para, a conselho do médico, refazer-se do seu estado de nervos terrivelmente abalados. Rebeca, a atual enfermeira, retirou-se do quarto e deixou-os a sós. Vejamos o que se passou.
- HAROLDO Entre.
- C/REGRA (PASSOS DE MULHER QUE SE APROXIMAM LENTOS E VACILANTES)
- HAROLDO (DEPOIS DE PAUSA) Sente-se.
- IRIS (DEPOIS DE PAUSA-ABAFADA) Haroldo, eu... eu estou tão surpresa da maneira como você me recebe... Eu confesso que...
- HAROLDO (DEPOIS DE PAUSA) ... que esperava ver-me com os braços estendidos para você, a boca inteira rasgada num sorriso de felicidade e os olhos inundados de lágrimas de ventura; não é isto? Como nada disto aconteceu... teve uma surpresa, não foi? Pois então a sua surpresa vai ser mil vezes maior com o que vou lhe dizer agora. (PAUSA) Esta separação de quasi três meses habituou-me de tal forma à sua ausência que você já não me faz falta. (PAUSA DE EXPECTATIVA) Vamos, fale. Não tem nada para dizer? (PAUSA) Não se queixa de mim? Da minha ingratidão?
- IRIS Não, Haroldo... você não tem culpa. A culpada sou eu só.
- HAROLDO Por que se julga culpada? Vamos, diga.
- IRIS Porque a mulher que se afasta do seu posto e cede-o à outra, sem conhecê-la, devia, antes, pensar que essa outra poderia perfeitamente superá-la em dedicação e carinho. E se de todo não pudesse estar de ceder o seu posto, deveria, pelo menos, procurar retornar a ele logo que se sentisse com forças para isso.
- HAROLDO Quer dizer então... que você já podia ter voltado antes e não o fez?
- IRIS Sim, Haroldo.
- HAROLDO (TRAINDO A COLERA) E por que não o fez?
- IRIS Porque eu estava aos cuidados de um médico que exigiu de mim, energeticamente, um repouso maior.
- HAROLDO Neste caso... a culpa de me ter habituado à sua ausência é dele e não sua como você disse há pouco.
- IRIS Ele agiu conscientemente, salvaguardando a sua responsabilidade de médico.
- HAROLDO E você...
- IRIS Eu me deixei arrastar por um desânimo que poderia ter procurado vencer.

- HAROLDO Desânimo ou... interesse?
- IRIS Interesses? Como interesse? Não entendo...
- HAROLDO (IRONIA E AZEDUME) Você continua sempre a mesma; nunca entendendo as coisas que não lhe convém. (VISIVELMENTE IRRITADO) Se lhe digo interesse é porque... (CORTA-CORTEANDO-SE E MUDANDO DE TOM) Não. Não vale a pena recomeçarmos nessas lutas antigas. Deixemos que as coisas sigam naturalmente o seu curso já que os nossos sentimentos se transformaram de maneira tão radical.
- IRIS Por que fala no plural, Haroldo? Por que diz os "nossos sentimentos"?
- HAROLDO Porque sinto que você também se modificou.
- IRIS Engana-se. O sentimento que me prende a você, neste momento, é o mesmo de há três meses atrás e se a partir deste instante deixo de ser a companheira que sempre fui, é unicamente por sua causa e por que você assim o deseja.
- HAROLDO E você ainda pensa em acusar-me?
- IRIS Não estou fazendo acusações, Haroldo. Apenas procurando esclarecer uma situação, lembrando-lhe que deixo de voltar para o meu posto porque você não me quis mais ao seu lado e não porque eu tenha desertado dele.
- HAROLDO A verdade é que você não sente o menor abalo com isto. Quer dizer... talvez sinta-se apenas um pouco ferida no seu amor próprio. E digo isto porque sei que mulher alguma aceita com indiferença uma derrota, seja ela em que terreno for. Quanto à parte afetiva, no entanto, os seus olhos não demonstram o menor indicio de tristeza.
- IRIS (COM TRISTEZA) Como você se engana, Haroldo!... E como continua a não saber interpretar a linguagem muda das minhas expressões!... Não é tristeza o que sinto por você me expulsar de seu lado. É angústia, é medo, é desespero! Seu gesto derrama trevas em torno de um caminho que eu devo agora percorrer sozinha! Sinto-me como um barco pequeno e frágil em meio da revolta do mar bravio, sem a luz de um farol ou de uma estrela que me aponte um ancoradouro mais seguro. E como o barco, eu irei vagando ao sabor do vento e da corrente, sem saber o destino que me aguarda, quando cessar a fúria da intempérie! Mas não lhe acuse e nem lhe recrimine. Limite-me, apenas, a curvar a cabeça resignada. E é essa minha resignação que você traduz por indiferença.
- HAROLDO Você disse, há pouco, que o sentimento que lhe prende a mim no dia de hoje é o mesmo que você sentia há três meses atrás, quando nos separamos. E por que é o mesmo de há três meses e não o mesmo de há dezuito anos? Porque há três meses você já não me tinha mais amor e apenas piedade. E eu não quero a sua piedade, entendeu? Eu não a quero. Ela não me basta. E se não posso ter tudo de você, prefiro, então, não ter nada.

IRIS

Está bem, Haroldo. Não vale a pena discutirmos agora. Você está tão bem que não seria justo provocarmos uma crise a esta altura dos acontecimentos. Você está satisfeito com a sua enfermeira, continue com ela. Eu me limitarei a vir visitá-lo quando você tiver desejo de conversar comigo. De tudo, agora o principal e de maior interesse é que você se sinta bem. O que eu possa sentir não vem ao caso. Passarei a viver como uma sombra, reclusa e calada, aguardando, pacientemente, o instante em que a minha presença possa se tornar necessária na colaboração do seu bem estar. (PAUSA E TOM) E agora... se me permite... volto para o meu quarto.

HAROLDO

Pede ir.

C/REGRA

(PASSOS FEMININOS QUE SE AFASTAM-PORTA QUE SE ABRE E FECHA)

HAROLDO

(MEIA VOZ) Seu ar de santa não me ilude. Ela me trai, eu sei. O coração me diz! Mas não pensa que há de me fazer de bobo pelo resto dos meus dias. Agora eu tenho uma arma ao alcance das minhas mãos. É Rebeca.

C/REGRA

(PORTA QUE SE ABRE)

REBECA

(AFASTADA) Posso entrar?

HAROLDO

(PROJETANDO) Sim, ela já foi.

REBECA

Eu sei.

C/REGRA

(PORTA QUE SE FECHA)

REBECA

(APROXIMANDO-SE) Estive no corredor todo o tempo e vi quando ela saiu.

HAROLDO

Sente-se aqui bem perto. Preciso ter uma conversa com você.

REBECA

(PAUSA) Pronto, seu Haroldo. Pode falar.

HAROLDO

A partir de hoje, você vai redobrar a vigilância em torno de minha esposa e do doutor Alexandre, está compreendendo? Ela acabou de sair daqui absolutamente convencida de que me é completamente indiferente e desnecessária. Si era apenas movida pela piedade que ela se mantinha ao meu lado, a partir deste momento ela dará inteira liberdade à manifestação dos seus sentimentos e eu chegarei à exata conclusão que tanto ambiciono. Mas você não poderá me ocultar nada, entendeu? Absolutamente nada. Para isso eu lhe pagarei régimamente.

REBECA

Já lhe prometi que serei sincera, seu Haroldo.

HAROLDO

É preciso que o seja. O esclarecimento dessa minha desconfiança será útil a nós dois. Si ela o ama estará ultrajando o meu nome e ao mesmo tempo entravando a realização do seu sonho. Logo... no caso de que as minhas suspeitas se confirmem, para tranquilidade sua e minha, urge que ela desapareça. Compreende?

REBECA

Compreendo. Mas tenho receio de uma coisa, ainda.

HAROLDO

Diga.

REBECA

Que uma vez desaparecida dona Iris, o doutor Alexandre vá buscar nos braços de outra o consólio para a sua solidão. Se isto acontecer... que compensação me restará para a idéia de ter colaborado

na realização de um crime?

HAROLDO

A compensação de receber uma boa soma que lhe permitirá uma vida independente no futuro. Acha que não valerá a pena?

REBECA

Não sei. Trezentos mil cruzeiros hoje em dia não é mais uma soma tão elevada. Não posso bem avaliar se a satisfação de possuí-los será suficiente para abafar a angústia do remorso que eu possa vir a sentir.

HAROLDO

Remorso por que? Por ter procurado servir a um inválido e ao mesmo tempo defender a sua felicidade? Servir uma obra de caridade e defender é um direito que assiste a qualquer pessoa.

REBECA

Mas o crime anula a justificativa de ambas as intenções.

HAROLDO

Não seja tãla, pequena. Aprende a viver a época que atravessamos. Época das forças e do egoísmo. O maior engole o menor. Vence sempre o mais forte e o mundo não cogita de procurar saber as armas que o vencedor empregou. Aplauda-o pelo receio de ser também atacado mostrando o seu desagrado. Para os que como nós não dispomos da força física, a astúcia é uma força. Usemos portanto de astúcia para vencer aqueles que nos querem tragar.

REBECA

Não sei... tenho tantos receios... tantas dúvidas...

HAROLDO

Que receios? Que dúvidas?

REBECA

Não sei. São tantas as idéias que se embaralham no meu cérebro que eu não consigo destacar umas das outras para, separadamente, analisar cada uma com a devida calma.

HAROLDO

Eu já lhe disse que a força de pensar na minha idéia você acabará por se acostumar a ela.

REBECA

Tenho pensado muito. Tenho pensado sempre. Todas as noites, no silêncio do meu quarto, depois que o velho apaga a luz e a casa fica toda às escuras, eu coloco uma balança em minha frente. Num dos pratos boto os trezentos mil cruzeiros que o senhor me prometeu, no outro o remorso que, só de pensar no crime, já assalta a minha lembrança. A balança fica sempre imóvel sem pender para um ou outro lado.

HAROLDO

Pois bem, eu botarei mais dinheiro. E o dinheiro pesa. Verá como a balança acabará pendendo. O que diz se eu puzesse mais dinheiro?

REBECA

Quanto mais o senhor botaria?

HAROLDO

Escute: eu tive outra idéia. (AFASTANDO-SE) Se tudo acontecer como eu prevejo...

CONTROLE

CORTINA MUSICAL

LOCUTOR

PUBLICIDADE

CONTROLE

CORTINA MUSICAL

REBECA

(APROXIMANDO-SE) É verdade mesmo? O senhor faria isto? Não estará me engabelando para depois abandonar-me em meio do caminho com toda a responsabilidade sobre os meus ombros?

HAROLDO

Nunca. Deu-lhe a minha palavra de honra e afirmo-lhe que nunca dei

xei de cumprí-la quando empenhada. (PAUSA) E então? Não é verdadeiramente tentadora a minha proposta?

REBECA Sem dúvida;

HAROLDO Pois bem, está nas suas mãos, agora, resolver o seu futuro. (PAUSA) Vamos, que decide?

REBECA Dê-me tempo para pensar. Amanhã eu lhe darei uma resposta. Serve?

HAROLDO Amanhã, ainda? Por que não resolve logo? Pense que as oportunidades como a que lhe estou dando, não aparecem todos os dias na vida.

REBECA Sim, sim, eu sei, mas. Estou completamente estonteada com tudo isto. Quero pensar bem esta noite e amanhã eu lhe darei uma resposta decisiva. Concorda?

HAROLDO Vá lá. Seja amanhã, então.

CONTROLE CORTINA MUSICAL

ALEXANDRE A enfermeira já foi?

CELESTE Sim, doutor. Saiu há uns quinze minutos, mais ou menos.

ALEXANDRE Iris concordou em receber-me?

CELESTE Sim. Pareceu-me, até, que ficou bastante satisfeita quando lhe transmiti o seu recado. Tenho a impressão de que ela deseja mesmo conversar com o senhor.

ALEXANDRE Com certeza vai me contar a maneira como foi recebida por ele esta tarde. Você não sabe nada?

CELESTE Não sei, doutor. Não tivemos quasi tempo de falar, depois disto. Quando fui procurá-la para dizer-lhe da nossa conversa pelo telefone, Rebeca me viu entrar no quarto e eu, para evitar qualquer suspeita, demorei-me o mínimo que me foi possível. E quando saí lá estava ela no outro extremo do corredor a observar-me.

ALEXANDRE Será mesmo possível que essa menina...

CELESTE (DEPOIS DE PAUSA) Tudo é possível, doutor... quando o dinheiro entra em ação. Raros, muito raros são os que não se deixam vencer pela cobiça que o ~~mark~~ euro nos desperta.

ALEXANDRE Rebeca parecia ser uma menina tão simples...

CELESTE Uma grande ambiciosa é o que ela é, doutor. Tenho procurado conversar com ela de vez em quando, e nessas conversas vou fazendo os meus estudos sobre o seu caráter. Não sou tola... vou conduzindo hábilmente a conversa para os assuntos que desejo... e observo-lhe as reações. Ela, ainda que seja esperta também, numa ou noutra palavra vai, sem querer, trair o seu íntimo.

ALEXANDRE É... tudo é possível neste mundo, onde a máscara nem sempre reflete o que vai no interior de nossas almas. (TOM) Bem, Celeste, avise à Iris que estou aqui.

CELESTE Não é preciso, doutor. Ela já está à sua espera. Pode entrar.

CONTROLE CORTINA MUSICAL

ALEXANDRE E agora? Diante de tudo o que me contou, que pensa fazer?

IRIS Esperar.

ALEXANDRE Mas esperar o que?

- IRIS Que êle volte a sentir a necessidade de me ter a seu lado ou então que se canse de me abrigar sob o seu teto e me mande embora.
- ALEXANDRE Não posso crer que você possa ter tomado uma resolução dessa natureza, Iris. E o seu orgulho de mulher? Seu amor próprio? Eles não reagem ante tamanha humilhação como a que você acaba de sofrer?
- IRIS A voz do dever fala mais alto, em mim, que qualquer outro sentimento, Alexandre. Prefiro ser desprezada pela ingratidão de meu marido do que pela indignidade de não ter sabido respeitá-lo e nome.
- ALEXANDRE É incrível! Agora, nem mesmo a desculpa de lhe ser necessária você tem. Ele prefere a outra. Os cuidados da outra. Sabe lá se até não estará apaixonado por ela.
- IRIS Pode ser. Tudo é possível numa alma enferma. Contudo, ainda que isso aconteça, não alterará a minha linha de conduta.
- ALEXANDRE Mas e a sua exposição, Iris? Pense nela.
- IRIS Será, apenas, a de esposa preterida. Humilhante, sem dúvida, mas não chega a constituir um ultrage à minha honra, porque, com os homens, o caso é sempre diferente. Eles têm todos os direitos enquanto que à nós a sociedade não concede mais do que deveres. A mulher traída e abandonada é uma coisa comum e sem nenhuma importância. Uma coisa natural que se encontra todos os dias nas páginas cinzentas da vida. Um homem traído é uma ofensa que não se apaga e que mancha para o resto da vida aquilo que eles têm de mais caro que é a honra. Desigualdades de vida, ou melhor, da sociedade, porque a vida talvez não cogitasse em ser diferente para homens ou mulheres. Creio mesmo que a sua intenção era a de ser igual para ambos. É que naturalmente as leis foram feitas pelos próprios homens.
- ALEXANDRE A verdade maior, em tudo isto, é que você não me ama como eu lhe amo, Iris. Si você me tivesse o mesmo amor que eu lhe tenho...
- IRIS (CORTANDO) Por favor, Alexandre, eu já lhe pedi várias vezes que não me falasse mais sobre esse amor que nasceu de um momento de louçura e que eu preciso, a todo o custo, recalcar. E você prometeu que não mais falaria. Lembra-se?
- ALEXANDRE Sim, prometí, eu sei... mas como as coisas mudaram tanto de uma hora para a outra...
- IRIS Mudaram, bem sei, mas não alteraram o meu modo de pensar com respeito à maneira como devo me conduzir.
- ALEXANDRE Iris, por favor! Liberte-se dessa idéia absurda que a escrevise. Pense um instante na absoluta inutilidade da sua vida dentro desta casa e dos momentos de amor que poderíamos viver juntos. Você é moça, ainda. Tem todo o direito à felicidade. Ela está batendo à sua porta. E enquanto milhares de outras mulheres estendem os braços famintas, - ávidas de alcançá-la, você a escorraça, fechando-lhe o seu coração!
- IRIS A felicidade fugiu de mim desde o instante em que a enfermidade fez de meu marido o homem egoísta e rancoroso que hoje é.

ALEXANDRE Fugiu por algum tempo, é certo, mas há meses que ela tenta voltar e que você a repele.

IRIS Alexandre, pela última vez: eu não poderia ser feliz ao seu lado, sabendo que pisoteava a lei da fidelidade eterna que jurei à frente de um altar. Não insista, portanto. Arranque a minha lembrança do seu coração e siga a sua vida. Eu sei que a princípio você sofrerá, da mesma forma que eu estou sofrendo, que a renúncia é toda ela feita de angústia e de lágrimas. Mas você é moço e não faltará corações que disputem o coração do seu. Não faltarão outros olhos que bebam essa ternura imensa que se derrama dos seus olhos lindos. E nem faltarão outras mãos suaves que tremam ante a carícia das suas e que, sem o laivo do pecado, afaguem docemente os seus cabelos. Vá Alexandre... siga a sua vida e deixe que fira sozinho os meus pés cansados neste caminho de espinhos que o destino colocou à minha frente!

CONTROLE CORTINA MUSICAL DRAMÁTICA

CELESTE E então? Que resolveram?

ALEXANDRE Nada, Celeste. Ela não quer ceder. Disse que mesmo despresada não deseja trair o seu dever de esposa.

CELESTE Cabe agora ao senhor tratar de convencê-la.

ALEXANDRE Fiz tudo o que podia. Já não tenho esperanças.

CELESTE Nesse caso... porque não se resolve a afastar o único empecilho existente entre os dois?

ALEXANDRE Não, Celeste, não quero.

CELESTE Não minta! O senhor quer. O que lhe falta é coragem. E seria tudo tão fácil! Eu me encarregaria de provocar-lhe uma crise para que o senhor fosse chamado. Nessa ocasião o senhor lhe daria duas daquelas drágeas para dormir e encarregaria a enfermeira de lhe dar uma injeção de óleo canforado duas horas depois. As ampoulas seriam trecadas e eu não creio que aquela menina tãta tivesse o cuidado de verificar se o conteúdo da caixa de óleo ~~para~~ era realmente óleo. Ele dormiria para a eternidade e deixaria de incomodar a todo o mundo.

ALEXANDRE Se você acha que esse seria efetivamente o remédio para tantas angústias, porque motivo não o aplica em vez de procurar convencer-me de o fazer?

CELESTE Simplesmente porque o senhor nunca me deu autorização para isso. Poderia revoltar-se contra mim, denunciar-me e eu, que já sofri ~~tanto~~ tanto, terminar a minha vida na tristeza de um reformatório.

ALEXANDRE E... e si eu... (CORTA)

CELESTEQQ (DEPOIS DE PAUSA ANCIOSA) Diga.

ALEXANDRE (REAGINDO NERVOSO) Nada, Celeste, nada... Você... tem uma maneira de falar que aturde a gente... Parece que fica possuída do demônio em certos momentos.

CELESTE Se o demônio conseguisse carregá-lo... bem que o senhor ficaria a-
gradecido a ele.

ALEXANDRE Per favor... eu não quero brigar com você... Você tem me ajudado mui-
tíssimo e sou grato à sua generosidade, mas... Não continue nessa in-
sistência da prática de um crime porque esse é o maior mal que você
pode desejar a um homem de consciência.

CELESTE Ah, consciência! consciência!... Essa consciência atropalha como o dia-
bol... Se os juizes dos países onde existe a pena de morte sofressem
dêsse mal que o senhor sofre... não morreria ninguém na fôrca ou na
cadeira elétrica.

ALEXANDRE O caso é diferente, Celeste. Os juizes condenam justamente para pu-
nir os crimes praticados.

CELESTE Mas e o senhor não acha mais do que criminoso um homem que procede
como o seu Haroldo? Um egoísta, um perverso, um amotinado que vive a
martirizar esse pobre anjo que é dona Iris? Digo-lhe até que morrer
dormindo, é uma morte suave demais para semelhante carrasco!

ALEXANDRE Chega, Celeste. É tarde e eu estou cansado. Vá depois ao quarto de
sua patrão e dê-lhe uma dose de calmante para que ela possa dormir e
descansar. Mas não lhe fale mais nesse assunto, entendeu? Quanto ma-
is se toca numa ferida mais tempo ela dói. Dê-lhe apenas o remédio,
sem conversar e saia logo do quarto. Amanhã você terá todo o dia pa-
ra tecer considerações em torno dos acontecimentos de hoje.

CELESTE Está bem, deuter. Farei como o senhor disse.

ALEXANDRE Boa noite, então.

CELESTE Boa noite, deuter.

CONTROLE CORTINA MUSICAL

SIMÃO (MANSO-QUASI EM SUSSURRO) Meu filha...

REBECA (NUM SUSTO) Credo, velho! Que mania de entrar no quarto da gente sem
bater e se aproximar nas pontas dos pés! Que coisa!

SIMÃO É que o luz estive acesa tanto tempo. Pensei que o meu filha tives-
se esquecido ele acesa e já tivesse dormido. Passar todo o noite as-
sim ia gastar muito por isso a velha Simon cheguei. Nem queria a-
correr meu filha por isso cheguei nos pontos das pés.

REBECA Eu não estava dormindo, não. Estou sem sono. Estava pensando.

SIMÃO E por que nem apaguei o luz, nem pense na escurro? O luz custa di-
nherro muito, meu filha. *não custa.*

REBECA Eu pago a luz, não se preocupe. Justamente o que eu não quero é fi-
car no escuro. Vou deixá-la acêsa toda a noite.

SIMÃO O noite toda vai deixar o luz fiquei acesa, meu filha? Porr que?

REBECA Porque eu já disse que não quero ficar no escuro, velho. Será que
tudo eu tenho que repetir? Estou sem sono, estou nervosa e no escu-
ro parece que vejo sombras que se aproximam de mim para me torturar.

SIMÃO Está nervosa por que? Per causa do dotor? Fala parra a papai, meu
filha.

REBECA Não vale a pena, velho. Tú não vais compreender. É tanta coisa, tanta



mixórdia que eu mesma chego a estar tonta, sem saber que caminho seguir. Num deles eu vejo um moço, o amor e uma vida modesta. No outro, um homem quasi velho, inutilizado pela doença... e uma fortuna grande... um palacete luxuoso... automóvel... jóias... empregados... Não sei, não sei... eu estou tão indecisa!...

SIMÃO

(VOZ DE COBIÇA) O fortune, meu filha!... O fortune, todo o vida!...

REBECA

Espera, velho, não te precipita. Falou-se em fortuna já os teus olhos ficaram brilhando como dois vidrilhos. Não penses que é só escolher uma coisa ou outra. Não. Por qualquer uma das duas eu terei que lutar.

SIMÃO

Lutar pelo amor não paga o pena... Pelo fortuna, sim.

REBECA

Mas justamente para conseguir a fortuna eu terei que auxiliar um homem a praticar um crime.

SIMÃO

Um crime, meu filha?... Um crime?...

REBECA

Pois é. Ai é que está. (COMO QUEM PENSA BEM NO QUE DIZ, LENTA) Terei que auxiliá-lo a matar a mulher.

SIMÃO

E quanto a meu filha recebe parra este trabalho?

REBECA

Ele se casará comigo. Ficarei dona de toda a sua fortuna.

SIMÃO

Muito dinheiro deverrá ser. Ele parece muito rico.

REBECA

Riquíssimo. Além de palacete em que mora possui muitos outros prédios de aluguel... possui apólices... dinheiro nos bancos... campos arrendados... jóias...

SIMÃO

E se o crime for descobrido pelo policia?

REBECA

Ele diz que será difícil. E ^{de fato} o plano está bem imaginado. (PAUSA) Que dizes, velho? (PAUSA NERVOSA) Ajuda-me, anda. Obrigaste-me a contar tudo e a gora ficas aí calado como um estafermo. Não dizes nada. Fala. Diz o que farias em meu lugar?

SIMÃO

Nem sei, meu filha, não sei... O crime dá mão no gente. Mas a fortuna é tão grande que o gente tem pena de perder ele.

REBECA

Se ficas indeciso, como eu estou, não me adiantas nada. Eu preciso, juntamente, de alguém que me diga: faz eu/não faz.

SIMÃO

Escuta um coisa, meu filha! tu deixarrás a velho Simon no miséria em que vive?

REBECA

Claro que não!

SIMÃO

Tu levarrás a velho Simon parra morrer no teu casa?

REBECA

E claro que leve. Então veu te deixar aqui, sozinho e deente?

SIMÃO

Entom, meu filha, escuta o que te diz a papai: fecha os olhos... estende os mãos... e segura o fortuna!

CONTROLE CARACTERÍSTICA FORTE PARA ENCERRAR O CAPÍTULO

27.10.2011
(revisão)

CONTROLE SOBRE CARACTERÍSTICA

- NARRADOR** No oitavo capítulo desta novela, deixamos Rebeca, a enfermeira de Haroldo Berlinck, a conversar com seu velho pai, altas horas da noite e a dizer-lhe da indecisão em que se debate entre a conquista de um amor por meios lícitos ou a posse de uma fortuna imensa pela prática de um crime. Ela queria um conselho. Precisava de alguém que lhe dissesse o que deveria fazer. O velho Simen chegou para apagar a luz, pensando que a filha a tivesse esquecido acesa. E o acaso fez dele o conselheiro de Rebeca. Mas a questão não era fácil de resolver para um homem profundamente ambicioso como Simen. Ele estava tentado pelo dinheiro mas bastante indeciso pelo tempo. E não sabia o que aconselhar a filha.
- REBECA** Se ficas indeciso, como eu estou, não me adiantas nada. Eu preciso, justamente, de alguém que me diga: faz eu não faz.
- SIMEN** Escuta um coisa, meu filha: tudeixarrás a velho Simen no miserria em que vive?
- REBECA** Ora! Claro que não.
- SIMEN** Tu levarrás a velho Simen parra merrei no teu casa?
- REBECA** Claro que leve. Então vou te deixar aqui, sozinho e deente?
- SIMEN** Enten, meu filha, escuta o que te diz a papai: fecha os olhos... estende os mens... e segura o forrtuna!
- REBECA** Mas e o deuter Alexandre?
- SIMEN** Orra, a deuter Alexandrre! Está uma douterrzinha que agorra que ce mecei e vide! Terrá forrtune um dia? A gente nom sei.
- REBECA** Mas e o amor, velho?
- SIMEN** Tu gostas de verrdade de ele?
- REBECA** Bem... que eu goste, goste mesmo, no duro, eu não posso dizer. Mettí-me na cabeça de que havia de casar com ele e essa idéia foi criando raízes que se emaranharam no meu coração. Se ele tivesse percebido qualquer coisa e alimentado, de alguma forma, as minhas esperanças, eu esteu certa de que hoje estaria leucamente apaixonada por ele masseu tenho a impressão de que ele não percebeu nada eu então fingiu não perceber e as raízes não se aprofundaram.
- SIMEN** Pois entem, meu filha?! Aranca logo todos os raízes e deixa o coração livre parra gozar um fortune que de darrá pprazerres... luxe... uma palacete benite!... O bem do vida está na que a dinheiro consigues.
- REBECA** Mas eu tenho medo, justamente, de não poder arrancar essas raízes e vir, depois, a me apaixonar perdidamente por ele. Que poderei, fazer, então, se isso acontecer?

- SIMÃO Orra, meu filha! Com a marrido deente... sem poder sair do cama... Tude tem fácil...
- REBECA Queres dizer que eu poderei fazer o mesmo que Ruth fez?
- SIMÃO E Ruth nem está tom feliz que até se esqueci da velho Simon e de Rebeca?
- C/REGRA (DUAS BATIDAS ESPAÇADAS DE SINO AFASTADO)
- SIMÃO Deis herras, meu filha! Vai dormir que você precisa levantei muito cedo. Deixa a luz acendido que a gente agorra vamo sê rico e ter bastante dinheirre parra pagar estes quinquilharrica. Boa noite, meu filha.
- REBECA Boa noite, velho.
- C/REGRA (PASSOS QUE SE AFASTAM-PORTA AFASTADA QUE SE ABRE E SE FECHA)
- REBECA (DEPOIS DE PAUSA) Como a vida da gente pode se modificar de um momento para o outro! Como tudo se transforma neste mundo!... Até me me as mais puras intenções e os melhores sentimentos!... Lembre-me também que ainda ontem eu discutia com o velho e lhe dizia que não havia de fazer como as minhas irmãs, casando-me por interesse. Hoje estou aqui procurando, eu mesma, abafar o sentimento de amor pelo qual tanto me debatia, paga tornar-me dona de uma fortuna que pertence a outra e que, para chegar a possuí-la eu deverei sujar as minhas mãos. Eu poderia pensar antes como penso agora? Teria sido a vida que em tão curto espaço de tempo modificou a minha forma de pensar? (PAUSA) Não. Não creio. É a voz de sangue que está gritando dentro de mim!... É a ambição. A maldita ambição que eu não posso vencer!
- CONTROLE CORTINA MUSICAL MISTERIOSA
- C/REGRA (NOVE BADALADAS ESPAÇADAS E AFASTADAS)
- IRIS (SONOLENTA) Ah...
- CELESTE Acorde, dona Iris. Eu preciso falar com a senhora...
- IRIS Hein? Ah, és tú, Celeste? (PREOCUPADA) O que há?
- CELESTE É que são nove horas, seu Haroldo já acordou, e a enfermeira não veio ainda. Eu não posso entrar no quarto para atendê-lo e não sei o que hei de fazer.
- IRIS A enfermeira ainda não veio, disse você?
- CELESTE Não senhora. E ela sempre vem antes das nove!... estou estranhando a demora.
- IRIS Quem sabe terá se atrozado um pouco por um motive qualquer...
- CELESTE Mas a questão é que seu Haroldo tem que tomar o remédio às nove e meia em ponto, e o alimento dever ser tomado quinze minutos antes.
- IRIS Sim, sim... tens razão. Prepara tudo então, num momento, que eu me levante e vou atendê-lo...
- CONTROLE CORTINA MUSICAL
- HAROLDO (IRRITADO MAS CONTENDO-SE) Como? Por que você e não Rebeca?
- IRIS Porque ela não veio ainda e você tem que tomar agora, já, o seu alimento, a fim de poder tomar o remédio às nove e meia. Vamos, não

perca tempo que já está passando da hora. Tome o seu leite que ele está morninho como você gosta.

HAROLDO (DEPOIS DE PAUSA EM QUE FEZ MOVIMENTO DE ENGULIR UM COPO DE LEITE) Morninho, nada. Estava quasi quente. Até parece que fazem isto de propósito para me irritar.

IRIS Desculpe. É que fui avisada da falta da enfermeira muito em cima da hora em que você devia alimentar-se... Fiz tudo às carreiras, não deu tempo para esfriar melhor o leite.

HAROLDO E por que ela não veio? Não avisou o motivo?

IRIS Pense que até agora não. Naturalmente algum imprevisto de última hora... Ela parece que não mora muito perto...

HAROLDO Justamente hoje que eu precisava tanto que ela estivesse aqui! Justamente hoje...

IRIS Não se aflija, Haroldo. Ela talvez ainda venha. E se não vier... eu vou eu aqui para atendê-lo. hei de procurar substituí-la de maneira a que você não sinta muito a sua falta.

HAROLDO (COMO QUEM ACHOU UMA RAZÃO, INQUISITORIAL) Você fez alguma coisa para desgestá-la?

IRIS Tu, Haroldo?!... Mas que idéia absurda!

HAROLDO Confesse. Você fez alguma coisa à Rebeca, não fez?

IRIS Absolutamente, Haroldo. Jure-lhe. Nem sequer avistei essa criatura ontem. E depois... com que fim haveria eu de desgestá-la?

HAROLDO Justamente para isto: para que ela se afastasse e você pudesse retornar ao seu antigo posto.

IRIS Que tolice, Haroldo! Como você pode pensar uma coisa dessas? Se você está satisfeito com ela, eu não poderia ter outro interesse que não fêsse o de conservá-la.

HAROLDO Ela não faltaria sem um motivo justificado e também se esse motivo existisse eu estou certo de que ela não deixaria de mandar avisar-te.

IRIS E você sabe lá si ela teria alguém por quem pudesse mandar-lhe, um aviso? Talvez não tenha nem telefone perto de casa.

HAROLDO Não pode ser... não pode ser... Alguma coisa fizeram a essa menina...

IRIS Deixe de pensar coisas absurdas, Haroldo. Você envenena a sua vida com idéias de maldade que ninguém tem a seu respeito.

HAROLDO (DEPOIS DE PAUSA) Você sabe onde ela mora?

IRIS Como posso saber se apenas falei com ela uma vez, aqui neste quarto mesmo?

HAROLDO Pois eu quero falar com Rebeca de qualquer maneira, ouviu bem? Saber o que se passou com ela.

IRIS Está bem, eu tomarei imediatamente as providências. É possível que Celeste saiba...

HAROLDO (CONTANDO ALTO, COM PRAZER SATANICO) Celeste!... Celeste!... Agora

Agora você me deu todo o fio da meada. Deve ter sido Celeste quem a afastou. Foi ela, sim. Sé podia ter sido ela, aquela víbora! Aquela desalmada!

IRIS Você tem uma prevenção injustificada contra Celeste, Haroldo. Ela é uma criatura tão boa, tão prestativa, tão...

HAROLDO (FORTE CORTANDO) Basta! Chega de elegias àquela megera. Você se acertam bem as duas. Uma diz mata e a outra logo enforca.

IRIS Haroldo!...

HAROLDO Mas há de chegar o dia em que eu destruirei a igreja de vocês.

IRIS Por favor, Haroldo... Você está se exaltando com coisas que não têm nenhum cabimento.

HAROLDO Um dia eu destruirei a igreja de vocês, repito. Não de pagar-me, uma e outra, todos os momentos de desespero que se tem feito viver em cima desta cama! E volta a fazer cara de vítima para que eu se compadeça, não é? Para que eu tenha pena de você, não é isto? Pois eu não a terei, está ouvindo? Eu não a terei!

IRIS Não preciso que você tenha, Haroldo. Não preciso. Basta a pena que eu tenho de mim mesma!

CONTROLE CORTINA MUSICAL DRAMÁTICA

SIMÃO Bem dia, senhora.

CELESTE Bem dia.

SIMÃO Traga uma recado do meu filha.

CELESTE O que houve com ela?

SIMÃO O pobrezinha, passei uma noite horrerosa! Um dor tem ferrte noca-bega do ela que não pode levantei da travisserra. Agorra tomei uma remédio e na meio dia, si melhora, vem.

CELESTE Quem sabe algum resfriado... Essas mudanças de tempo...

SIMÃO Nem, nem, resfriado nem. Ela passei toda o noite acordado porra que... (SEGREDO) ... estava com medo.

CELESTE Medo? Por que medo?

SIMÃO (SEGREDO) Uma coisas que acontecerrom... (TOM) Mas eu tem que voltar parra e casa e cuidar do ela.

CELESTE Não, não, não vá já. Entre um bocadinho que eu vou ver uns remédios para o senhor levar para ela.

CONTROLE CORTINA MUSICAL

MIMOSA Você parece que dormiu mal, meu filho. Está com umas olheiras tão fundas! Continua tendo as suas insônias?

ALEXANDRE Não, mamãe, esta noite até que dormi bem razoavelmente. Custei um pouco a conciliar e sono, é verdade, mas em compensação veja bem a hora que me levantei. São mais de dez.

MIMOS. Pois eu não quiz lhe chamar antes, justamente porque vi a luz do seu quarto acesa até muito tarde, ontem.

ALEXANDRE E, de fato eu me distraí um pouco lendo umas revistas e quando me dei conta da hora já eram quasi duas da madrugada.

- MIMOSA Você precisa dormir mais cedo, meu querido. Está magro, abatido, com olheiras fundas... Durma pouco, alimenta-se menos ainda e trabalha muito... Quem é que pode resistir a uma vida assim? Eu fico tão aflita!
- ALEXANDRE Não se preocupe, mãezinha. Eu estou bem, não sinto nada. Na medida de dormir pouco e alimentar pouco não tem maior importância. A natureza resga por si mesma. O próprio ar alimenta.
- MIMOSA Só si é pela medicina moderna que você aprendem hoje porque no meu tempo, em qualquer idade era prejudicial dormir pouco e comer pouco.
- ALEXANDRE Tudo muda, mãezinha.
- MIMOSA Mudou, sim, mas para pior. A medicina pode estar muito adiantada, a cirurgia também, mas a verdade é que antigamente não morria tanta gente como hoje.
- ALEXANDRE Mas também antigamente havia muito menos gente, mamãe. Basta dizer que duplicaram, em vinte anos, as populações de quase todas as cidades. Basta ver as estatísticas.
- C/REGRA (CAMPAINHA DE TELEFONE)
- MIMOSA Ch. Capaz de ser algum chamado para você e já você terá que tomar o seu café às disparadas.
- C/REGRA (RUIDO DE LEVANTAR FONE DO GANCHO)
- MIMOSA (AO TELEFONE) Alô! (PAUSA) Da casa do doutor Alexandre Passes. (PAUSA) Está, sim senhora. (PAUSA) Pois não, um momento. (NATURAL) É com você, meu filho.
- ALEXANDRE (DEPOIS DE PAUSA) Pronto... Ah, é você, Celeste? O que é que há? (PAUSA) Hoje? À hora do costume? (PAUSA) Sim, sim, se é assim tão importante eu não faltarei. (PAUSA) Sim, sim. Depois das onze. Bate na janela e você me abre a porta. (PAUSA) Está combinado. Até logo.
- C/REGRA (RUIDO DE COLOCAR FONE NO GANCHO)
- CONTROLE CORTINA MUSICAL
- LOCUTOR PUBLICIDADE
- CONTROLE CORTINA MUSICAL
- MIMOSA Celeste é a empregada de senhor Haroldo Berlinck, não é meu filho?
- ALEXANDRE Sim, mamãe, por quê?
- MIMOSA Achei estranha a sua conversa com ela. Esperei que você me explicasse alguma coisa... Você ficou calado... pensativo... não falou mais nada.
- ALEXANDRE Não tinha nada para dizer, mamãe. Uma coisa tão natural... um chamado da casa de um cliente.
- MIMOSA Muito natural, sem dúvida, mas porque você bater na janela para a empregada abrir-lhe a porta da rua, depois das onze horas da noite? A casa não terá campainha? E será necessário que você vá ver o seu cliente depois dessa hora tão avançada?
- ALEXANDRE Bem, é que... é que ele tomará a última dose de remédio precisamente lá...

MIMOSA (CORTANDO) Não pressiga, meu filho. Não adianta você estar inventando desculpas porque você não sabe mentir. Atrapalha-se todo... fica vermelha até às orelhas... as mãos ficam sebrando e você não sabe onde metê-las... Você pode ser bom médico, meu querido, mas é um péssimo ator. E depois... além de tudo... é muito difícil poder alguém enganar um coração de mãe. Bem, mas... eu não quero ser bisbilhoteira. Não vou obrigá-lo a me dizer o que se passa com você. Apenas lhe recomendo, meu filho, que tenha muita cautela. Um médico, em casa de um cliente, não deve procurar ser outra coisa sinão simplesmente médico.

CONTROLE CURTINA MUSICAL

IRIS Não comeu quase nada, Haroldo. Por que? Não gostou da comidinha que mandei fazer para você?

HAROLDO Não é por isto. Estou sem apetite.

IRIS Está contrariado pela falta de sua enfermeira. Mas ela já mandou avisar que se ficar melhor estará aqui logo depois do meio dia. Não demora nada ela está chegando.

HAROLDO Meio dia já deu há muito tempo.

IRIS Como muito tempo, se passam apenas dez minutos, meu querido? A sua impaciência é que faz com que os minutos lhe pareçam séculos.

HAROLDO Sabe o que eu acho mais extraordinário em tudo isto?

IRIS Não.

HAROLDO A maneira tão natural como você encara a minha ansiedade na espera de uma outra mulher. Sabe o que isto significa, não sabe?

IRIS Compreensão, Haroldo. Você se ageitou melhor com ela como enfermeira...

HAROLDO (CORTANDO) Nada disto. A significação verdadeira é outra muito diferente. Chama-se a isto "falta de amor".

IRIS Ora, Haroldo, por favor... Não diga uma...

HAROLDO (CORTANDO) Quem ama sente ciúme e não pode assistir, com tamanha indiferença, o interesse da pessoa amada por qualquer outra criatura. Digamos, por exemplo, que o que está se passando comigo e Rebeca acontecesse com você. Que você estivesse... vamos dizer... interessada no deuter Alexandre...

IRIS (CORTANDO NUM SUSTO) Haroldo! Que tolice tão grande! Nem diga uma coisa dessas, por favor.

HAROLDO Bem... eu estou apenas exemplificando, minha cara, Nem há razão para que você se perturbe dessa maneira...

IRIS Há coisas que não se deve pensar nelas, nem mesmo como hipótese.

HAROLDO Está bem, mas já que eu disse, deixe-me continuar. Você acha, então, que eu seria capaz de assistir, com a sua imobilidade, com a sua insensibilidade, o seu interesse pelo deuter Alexandre? Desde que eu ainda a amasse, é claro que isso seria impossível. **I** Eu seria capaz, até, de cometer um crime. (COM ÓDIO) Seria capaz de apertar-lhe a

e peçoço com tanta força...

IRIS (CORTANDO-HORRORIZADA) Que horror, Alexandre! Que impressão horri-
vel me causaram as suas mãos nesse gesto que você acabou de fazer!
Tive a impressão de ver, nelas, duas tenazes... duas garras aduncas
de um abutre... cheguei a sentir um arrepio à fôrça da minha pele!...

HAROLDO E elas seriam realmente duas tenazes, ouviu bem? Porque elas ainda
se movimentam, esta vende? Elas ainda tem força suficiente para trans-
formarem num frangalhe um peçoço delgado e frágil como é o seu.

IRIS Haroldo, você fala com uma expressão de ódio que não se justifica.
Afim!... eu não...

C/REGRA (BATIDAS DISCRETAS EM PORTA AFASTADA)

HAROLDO (PROJETANDO) Entre.

C/REGRA (XINGE PORTA QUE SE ABRE)

IRIS Ora graças a Deus que você veio. Meu marido estava tão impaciente...

C/REGRA (PORTA QUE SE FECHA-PASSOS QUE SE APROXIMAM)

REBECA (APROXIMANDO-SE) Boa tarde. Eu peço desculpas de um atrazo tão gran-
de.

IRIS Já sabemos que esteve adentada. Seu pai veio avisar. Sente-se me-
lhor agora?

REBECA Sim, obrigada. Felizmente com um analgésico e algumas horas de repou-
so consegui retemperar-me um pouco.

IRIS Fez bem em vir porque...

HAROLDO (CORTANDO) Iris, você pode sair agora.

IRIS (PAUSA) Está bem, Haroldo. Devolve-lhe o seu lugar, Rebeca. Com li-
cença. *C/Regra - Sai - abre e fecha porta.*

~~REBECA~~
~~C/REGRA~~ (DIPOIS DE PAUSA) Peço-lhe muitas desculpas, seu Haroldo. Não foi pos-
sível vir de manhã. Por mais empenho que eu fizesse, não conseguia
nem levantar a cabeça do travesseiro.

~~C/REGRA~~ ~~passos que se aproximam. porta que abre e fecha.~~
HAROLDO Com certeza ficou nervosa de tanto pensar; não foi?

REBECA Sim, com certeza foi isso mesmo. Fiquei até muito tarde sem dormir.
Sempre pensando, sempre pensando...

HAROLDO Eoque resolveu, afinal?

REBECA Resolvi que... aceito a sua proposta. *

CONTROLE ATENÇÃO!... NA PALAVRA "ACEITO" DA FRASE ANTERIOR UM ACORDE VIOLENTO
SEI CORTAR A CENA

HAROLDO Muito bem. Veja que é uma pequena que sabe pensar as coisas e isto
me agrada. Afiance-lhe que não há de se arrepender. Terá jóias, boas
roupas, será dona deste palacete, dos campos que possui, das minhas
propriedades... enfim, será rica, muito rica. E agora, já sabe: o pri-
meiro passo para conquistar tudo isso será descobrir uma infidelidade
de minha esposa. Esteja atenta às batidas da porta, às chamadas do
telefone, às entradas de qualquer pessoa nesta casa e muito especial-
mente a todas as atividades dela.

REBECA Perfeitamente, seu Haroldo. Pode estar inteiramente descansado que

eu saberei como agir.

CONTROLE CURTINA MUSICAL

C/REGRA (TIC TAC DE RELÓGIO POR ALGUNS MOMENTOS-UMA BATIDA DE RELÓGIO-SEGUE AINDA POR MOMENTOS O TIC TAC. BATIDAS DISCRETAS NO VIDRO DA JANELA. O TIC TAC VAI AFASTANDO ATÉ SUMIR)

CELESTE (Como? Será ôle já? Combinamos depois das onze, e neste momento bate ram dez e meia!...

C/REGRA (POUCOS PASSOS DE MULHER-SEMPRE A MESMA ALTURA DO MICROFONE. RUÍDO DE ABRIR UMA JANELA SEM FAZER QUASI BARULHO)

CELESTE (MEIA VOZ) (PROJETADA) Já deuter? Eu lhe disse depois das onze.

ALEXANDRE (UM POUCO AFASTADO-TREMBEM EM MEIO TOM-PROJETADO) Eu sei, Celeste, mas não podia mais conter a minha ansiedade. Vi toda a casa no escuro, com exceção de sua janela, calculei que não houvesse nenhum prejuízo em me aproximar um pouco antes.

CELESTE Mas é que eu não abrí a porta, ainda. Pensava fazê-lo somente às onze. Agora terá que esperar uns dez minutos ainda.

ALEXANDRE Se eu pulasse a janela não seria mais rápido?

CELESTE Sim, mas a questão é que alguém poderia vê-lo e...

ALEXANDRE (CORTANDO) Não há perigo. A rua está completamente deserta.

CELESTE Parece-me uma grande imprudência que o senhor vai cometer, em todo o caso, se está absolutamente certo de que não há ninguém...

ALEXANDRE Ninguém. Apague a luz do quarto por um instante.

C/REGRA (POUCOS PASSOS-CLIQUE DE INTERRUPTOR-RUÍDO DE ESCALAR UMA JANELA PULANDO PARA O SOALHO DISCRETAMENTE. FECHAR DE JANELA AFASTADO)

ALEXANDRE (AFASTADO) Pronto. Pode acender a luz.

C/REGRA (CLIQUE DE INTERRUPTOR) (ALGUNS PASSOS)

ALEXANDRE Perdôe-me, Celeste. Eu estava aflito. Não podia esperar mais.

CELESTE Eu também. Desde manhã que estou contando as horas à espera deste instante. Sente-se aqui. Quer tirar o capete?

ALEXANDRE Não é preciso. Ela já está prevenida?

CELESTE Dena Iris?

ALEXANDRE Sim.

CELESTE Nem senha que o senhor possa estar aqui.

ALEXANDRE Mas como? Agora é que você vai avisá-la?

CELESTE Absolutamente. Ela nem vai ficar sabendo que o senhor veio. Chamei-a aqui para conversar comigo e não com ela.

ALEXANDRE (DECEPCÃO) Ah!

CELESTE Ficou decepcionado, não foi? Mas já vai compreender a razão do meu chamado.

ALEXANDRE Fale, por favor, antes que eu morra de ansiedade.

CELESTE Deuter Alexandre... prepare-se para receber um grande choque.

ALEXANDRE (SUSTO RÁPIDO) O que houve com Iris?

CELESTE Per ora nada! Mas se não tomarmos imediatas providências, poderá haver uma coisa irremediável.

ALEXANDRE Explique-se por favor, criatura! Eu não consigo entender coisa alguma, basta de rodeios, entre logo nos fatos.

CELESTE Hoje de manhã esteve aqui o pai da enfermeira, para avisar que ela estava adentada, e chegaria mais tarde. Quando ele já ia retirar-se, deixou escapar umas palavras que fizeram nascer no meu espírito uma suspeita.

CONTROLE RÁPIDO HARPEJO

SIMÃO ... ela passei toda a noite acordada porque estava com medo. (SEGREDO) Uma coisa que acentecerem... Coisas que agorra eu nem pode falar porque tem que voltar para a casa e cuidar de ela.

CONTROLE RÁPIDO HARPEJO

CELESTE Não deixei mais que ele soubesse sem que me dissesse o que sabia.

ALEXANDRE É claro. Nem podia deixar. Mas continue. O que foi que ele disse?

CELESTE Foi muito fácil convencê-lo de entrar, falei-lhe em comprar várias gravatas que eu desejava mandar a um sobrinho, por motivo de seu aniversário.

ALEXANDRE Sim, sim... e depois?

CELESTE Manhosamente, prometendo auxiliá-lo no que fosse preciso, ele começou a me revelar, aos poucos, a conversa que tivera com a filha à noite passada. Percebi que, a cada gravata que lhe comprava, ele contava mais uma coisa e foi assim que - veja - comprando este monte de gravatas, consegui arrancar-lhe toda a verdade. Seu Haroldo pretende utilizar-se de Rebeca para envenenar dona Iris.

CONTROLE NA PALAVRA "ENVENENAR" DÁ UMA AGULHADA SEM CORTAR A CENA

ALEXANDRE (COMO QUE TOCADO POR UMA MOLA) Não pode ser!

CELESTE Jure-lhe que é verdade.

ALEXANDRE Mas isso é incrível!... É absurdo!...

CELESTE É a verdade, repite-lhe. E só há uma maneira de poder evitar-se essa desgraça.

ALEXANDRE Diga.

CELESTE É matando-o, antes que ele tenha tempo de executar o seu plano.

ALEXANDRE Não, Celeste, não.

CELESTE Bem... neste caso então... ele a matará. Pense um pouco e resolva: ele ou ela. (PAUSA) Vamos, decida. Não temos tempo a perder.

ALEXANDRE Pois bem, Celeste... minha resolução é a seguinte...

CONTROLE CARACTERÍSTICA MUSICAL FORTE PARA FINAL DE CAPÍTULO

14 CÓPIAS/AV.

" ANOITECEU... DESCANSA CORACAO! "

Original de ERICO CRAMER

Capítulo - 10º

27. 10. 2011
(avaliação)

CONTROLE SOBE A CARACTERÍSTICA

NARRADOR No último capítulo desta novela, deixamos Celeste, em seu quarto, a conversar furtivamente com o doutor Alexandre Passos, revelando-lhe a intenção de Haroldo Berlinck de utilizar-se da enfermeira para envenenar sua esposa. E enquanto o doutor Alexandre se recusava a acreditar no que ouvia, Celeste repetia-lhe convictamente:

CELESTE É verdade, sim. Acredite. E só há uma maneira de poder-se evitar essa desgraça: é matando-o, antes que ele tenha tempo de executar o seu plano.

ALEXANDRE Não, Celeste, não!

CELESTE Bem... nesse caso, então... Ele a matará. (PAUSA) Pense um pouco e resolva. (PAUSA) Ele... ou ela.

ALEXANDRE (SUSSURRO) Ele... ou ela...

CELESTE (DEPOIS DE PAUSA) Vamos, decida. Não temos tempo a perder.

ALEXANDRE Pois bem, Celeste... Minha resolução é a seguinte: eu não cometei esse crime.

CELESTE Cometerá outro maior, deixando que seja morta uma criatura a cuja vida inda poderá ser útil a muita gente.

ALEXANDRE Não. Também não hei de consentir que isso aconteça.

CELESTE E de que forma pensa poder evitá-lo? Avisando a polícia? Não temos provas para a nossa denúncia e ainda correremos o risco de sermos processados por crime de calúnia.

ALEXANDRE Avisarei Iris, então, para que se cuide e tratarei...

CELESTE (CORTANDO) Isso eu pretendo fazer também mas estou certa de que não será suficiente. Seu Haroldo é maquiavélico e há de encontrar uma forma de enganá-la.

ALEXANDRE Falarei com Rebeca, direi a ela que estou inteirado de tudo ou então procurarei uma maneira de chamá-la à realidade e fazer com que ela desista de colaborar nesse plano sinistro... Mostrar-lhe-ei as terríveis consequências que poderão advir... (TRANSIÇÃO COMO QUEM ACHOU A SOLUÇÃO) Não. Já sei o que farei para evitar essa monstruosidade. Ela parece devotar-me uma afeição muito grande e que excede aos limites de uma simples simpatia. Pois bem... Farei com que ela alimente esperanças de que eu possa casar-me com ela. Far-lhe-ei, até, uma promessa nesse sentido, se for necessário...

CELESTE Não adiantará nada, doutor. Ela é profundamente ambiciosa e seu Haroldo prometeu-lhe casamento. A esta hora ela já deverá estar completamente esquecida da afeição que dedicava ao senhor, para só pensar na fortuna imensa que lhe cairá nas mãos se dona Iris desaparecer. A única solução segura é a que lhe sugerí.

ALEXANDRE Mas eu não posso fazer isto, Celeste. Não posso! Você não compreende que eu não poderia ter mais tranquilidade na minha vida?

CELESTE E poderia tê-la, sabendo que a vida de dona Iris fôra sacrificada pela sua extrema covardia? Não posso crer.

ALEXANDRE Oh, Celeste, você é terrível! Parece que sente prazer em torturarme.

CELESTE Sou sua amiga e desejo, apenas, salvaguardar a sua felicidade. E para dar-lhe prova da minha amizade, já que o senhor não se anima a tomar uma atitude decisiva, ofereço-me para aplicar eu mesma a injeção em seu Haroldo, desde que o senhor esteja de acordo e prometa que nunca me denunciara. (PAUSA) Vamos... diga apenas o "sim" e em dez minutos tudo estará consumado.

ALEXANDRE (DESESPERADO) Não sei, não sei... É horrível o que você quer fazer, Celeste!

CELESTE A esponja do tempo apaga tudo, doutor Alexandre. Até o remorso, por mais entranhado que esteja no mais profundo escaninho do coração. (TENTANDO-O) Dona Iris será sua. Viverá a seu lado, sorrirá, enlevada, para o senhor. Dormirá nos seus braços, cobrir-lhe-á o rosto de beijos!... (PAUSA) Estará a seu lado na mesa... Se enredará a seus pés, como uma gatinha friorenta, em suave aconchôgo, nas noites frias de inverno. Andará pelo seu braço satisfeita e ri sonha, percorrendo os jardins pontilhados de flores na beleza inspiradora das tardes de primavera!... (PAUSA) E então? (NOVA PAUSA) Que decide?...

ALEXANDRE (CEDENDO DESESPERADO) Sim, Celeste, Sim! Bem sei que é uma loucura mas não tenho forças para resistir!

CELESTE Ora graças a Deus que consegui convencê-lo!

C/REGRA (ALGUNS PASSOS-RUIDO DE ABRIR GAVETA)

ALEXANDRE Que vai fazer?

CELESTE Preparar a injeção para aplicá-la imediatamente.

ALEXANDRE Não, Celeste, hoje não. Espere, ao menos, mais uns dois dias.

CELESTE Para que? Para esperar que o senhor se arrependa ou que seu Haroldo tenha tempo de executar o seu plano?

ALEXANDRE Nada disto. Para dar tempo, apenas, a que eu me habitue à idéia do crime que vou praticar.

CELESTE Muito pior que a certeza da morte é a dúvida da agonia.

ALEXANDRE Não, não. Não tente convencer-me. Já concordei com você e prometo-lhe que não voltarei atrás, mas ao menos mais dois ou três dias eu exijo que você me obedeça.

CELESTE Está bem, já que não há outro modo, esperaremos então mais dois dias.

CONTROLE CO TINA MUSICAL DRAMÁTICA

HAROLDO O que há de novo, Rebeca?

REBECA Até agora nada, senhor Haroldo.

- HAROLDO Você tem controlado a porta da rua, todas as vezes que a campainha bate?
- REBECA Todas. Até agora não me escapou uma única batida. O telefone também. É só sentir o sinal da chamada e já estou eu me esgueirando pelos corredores.
- HAROLDO E a megara tem estado no quarto dela?
- REBECA Veio ao meio dia para lhe trazer o almoço. Não demorou mais que dois minutos lá dentro. Uma hora depois, entrou, rapidamente, para recolher a bandeija. Há questão de meia hora trouxe-lhe o chá da tarde e depois disso ainda não voltou lá.
- HAROLDO Sabe o que estive me lembrando? Que eles talvez se comuniquem por meio de bilhetes. Se você pudesse dar uma batida lá no quarto...
- REBECA Mas... de que medo?
- HAROLDO Não seria tão difícil. Eu mandaria chamá-la para conversarmos, traria de retê-la pelo espaço de uma hora e nesse meio tempo você daria uma busca completa nas gavetas da cômoda, da mesinha de cabeceira e não esqueceria de verificar também em baixo do colchão.
- REBECA Mesmo assim, existiria ainda o perigo de dona Celeste aparecer, enquanto eu estivesse lá dentro.
- HAROLDO Você fecharia a porta por dentro e deixaria que ela batesse até desistir. Enquanto você não aparecesse de volta, eu não permitiria que ela se afastasse.
- REBECA E... sendo assim eu creio que não haveria o perigo de sermos descobertos. E quando faríamos isto?
- HAROLDO Agora mesmo. Chegue lá, num instante, e diga-lhe que desejo falar-lhe.
- CONTROLE CORTINA MUSICAL
- ESTÚDIO (BATIDAS DISCRETAS NA PORTA-POUCOS PASSOS DE MULHER-ABRIR PORTA)
- REBECA Ah, é dona Iris. Pode entrar. Seu Haroldo está à sua espera.
- IRIS Obrigada.
- REBECA (PROJETANDO) Seu Haroldo, eu vou aproveitar que o senhor está acompanhado para providenciar o seu jantar. Com licença, sim? Com licença, dona Iris.
- IRIS Pois não.
- C/REGRA (PORTA QUE FECHA)
- HAROLDO (AFASTADO) Vamos, aproxime-se. Por que ficou aí parada junto à porta?
- C/REGRA (PASSOS DE MULHER QUE SE APROXIMAM-LENTOS)
- HAROLDO (PERTO) Sente-se. (PAUSA) O que é que você tem? Por que me olha dessa maneira?
- IRIS Nada, não, Haroldo... Isto é... Você tem os olhos brilhantes... uma expressão animada... Talvez fôsse isso que me chamasse a atenção...
- HAROLDO O ânimo é sinal de melhora. (IRONIA) Você não se alegra com isto?

- IRIS Naturalmente que sim, Haroldo. Você sabe que não desejo outra coisa que não seja o seu restabelecimento.
- HAROLDO Acredito. Você é que está pálida... com olheiras profundas... Está doente?
- IRIS Não sinto nada!
- HAROLDO Precisa, talvez, apanhar um pouco de sol, não tem saído?
- IRIS Não.
- HAROLDO Por que? Eu não lhe proíbo. Trate de aproveitar um pouco a sua liberdade. Já esteve tanto tempo presa...
- IRIS Não tenho ânimo. Talvez você não acredite, mas não saio nem sequer de dentro do meu quarto o dia todo.
- HAROLDO E o que fez para passar as horas?
- IRIS Leio, quase sempre. As vezes bordo...
- HAROLDO Tem lido alguma coisa interessante? O que está lendo recentemente?
- IRIS Ressurreição.
- HAROLDO Agrada-lhe Tolstói?
- IRIS A que estou lendo é de Machado de Assis. Aliás é um dos autores que prefiro. Por sinal que deixei no meu quarto, para trazer a você, por ser bem o estilo que você mais gosta, as "Relíquias da Casa Velha", do mesmo autor. Vou buscá-lo num instante. (PEQUENO MOVIMENTO DE DOIS PASSOS)
- HAROLDO (RÁPIDO) Não, não! Fique aqui. Não saia agora.
- IRIS Por que? Você ficou pálido de repente. Está sentindo alguma coisa?
- HAROLDO Sim... Isto é... Creio que foi uma tontura...
- IRIS Vou chamar sua enfermeira num momento.
- HAROLDO Fique aqui, já disse. Deixe a enfermeira lá onde estiver.
- IRIS Mas Haroldo... você pode necessitar de alguma coisa...
- HAROLDO Não se assuste. Já estou melhor. Já passou. Sente-se, vamos. Quero conversar com você.
- IRIS Pois não. Deseja alguma coisa de mim?
- HAROLDO Conversar, apenas. Penso que ainda tenho esse direito. Não lhe parece?
- IRIS Não apenas esse, Haroldo, mas todos os direitos. Você é meu marido.
- HAROLDO Sim... sou seu marido... (PAUSA) E... e você... você não esquece isso em "nenhum momento" da sua vida?
- IRIS Claro que não. Por que motivo havia de esquecê-lo?
- HAROLDO Por nada. Apenas perguntei.
- IRIS Haroldo... você tem qualquer coisa a me dizer e... e não se anima. Por que não fala com franqueza?
- HAROLDO Você parece que não me conhece. Bem sabe que não sou homem de guardar o que tenha que dizer.
- IRIS Você mudou tanto, nesses últimos tempos...
- HAROLDO Reconheci que estava errado e procurei modificar-me. Não lhe parece que estou melhor agora? Mais humano?

IRIS Não sei, Haroldo, não sei... Eu estranho tanto essa sua maneira de ser agora. Parece-me que preferia vê-lo gritar... reclamar... exigir...

HAROLDO E entenda-se lá às mulheres! Quando eu procedia dessa forma você se queixava de mim e muitas vezes chegou a chorar. Agora que lhe trato melhor e lhe dou ampla liberdade de ação, você não está satisfeita e confessa que preferia a maneira anterior. Como se explica isto?

IRIS Não sei... Penso que essa sua maneira presente esconde a premeditação de qualquer coisa que eu não chego a definir bem o que seja.

HAROLDO (RINDO) Essa é boa!... Francamente!... Só essa me faria rir! Preme ditação de que?

IRIS Só lhe digo que não sei...

HAROLDO Deixe-se de tolices. O que há, simplesmente, é que depois do que aconteceu entre nós, o doutor Alexandre conseguiu convencer-me de que eu não tinha o direito de martirizá-la. Dissé-me isso uma tarde, eu fiquei a pensar longamente nas palavras dele, cheguei à conclusão de que ele estava certo e resolvi modificar a minha maneira de ser.

IRIS Si eu pudesse ter a certeza de que era só por isso...

HAROLDO Afiange-lhe que sim. Que outra coisa poderia haver? Nenhuma.
C/REGRA (BATIDAS LEVES NA PORTA)

HAROLDO Não, não se levante, Deve ser a enfermeira. (PROJETANDO) Entre.
C,REGRA (RUIDO DE ABRIR E FECHAR PORTA-PASSOS DE MULHER QUE SE APROXIMAM)
REBECA Para variar um pouco o seu jantar, mandei fazer as batatas em pirê para acompanhar o franguinho. Está bem ou o senhor prefere que as elas sejam apenas cozidas como de costume?

HAROLDO Não, não, fez bem, Rebeca. Eu já estou um pouco cansado das batatas cozidas.

REBECA Eu percebi isso ontem. Foi a razão porque resolvi mudar.

HAROLDO Se quer ir não se prenda, Iris. Eu já estou outra vez acompanhado.
IRIS Compreendo. Com licença.

C/REGRA (PASSOS DE MULHER QUE SE AFASTAM-RUIDO DE ABRIR E FECHAR PORTA)
HAROLDO (DEPOIS DE PAUSA) (MEIA VOZ-ANCIOSO) E então, Rebeca? O que encontrou?

CONTROLE CORTINA MUSICAL

LOCUTOR PUBLICIDADE

CONTROLE CORTINA MUSICAL

REBECA Nada, seu Haroldo.

HAROLDO Procurou bem? Em todas as gavetas?

REBECA Todas. Uma por uma.

HAROLDO E em baixo do colchão? Você viu?

REBECA Nada também. Absolutamente nada.

HAROLDO É verdade mesmo o que você está dizendo? Você não estará procurando...

do esconder de mim alguma coisa?

REBECA Mas que vantagem poderia eu ter nesse caso? Estaria, então, jogando contra mim mesma.

HAROLDO Sim, sim, tem razão... Eu fico tão alucinado que chego a esquecer que você é tão interessada no caso quanto eu.

REBECA Procurei tudo. Não houve um recanto que eu não tivesse esculhado.

HAROLDO Não é possível. Eles devem se comunicar de alguma forma. Talvez... talvez de noite, depois que eu durmo... Sim, deve ser isto. (PAUSA) Rebeca, sente-se aqui. Precisamos conversar. Temos que estender a nossa vigilância pela noite à dentro.

CONTROLE CORTINA MUSICAL

SIMÃO Oh, dona Mimosa no meu casa! Que honrra tom grande parra uma pobre marquês. Tenha a bondade de entrar e nem reparre no disaruma gon...

MIMOSA Não, obrigada, seu Simão, eu não quero entrar. A demora é pouca porque preciso voltar para casa antes que meu filho chegue. Eu queria só dar uma palavrinha à Rebeca. Ela já voltou do serviço?

SIMÃO Sim, ela já veio mas já voltei outra vez parra lá. Veio só busquei umas roupas de dormir.

MIMOSA Ah, então ela vai dormir lá hoje?

SIMÃO Um dia, parece. Nem tivemos tempo de conversar nem uma pouquinho. Ela entrei, peguei os roupas corendo e só disse que vai dormir um dia na trabalho que depois, no amanhã, vem aqui um pouco, de tarde conversei comigo.

MIMOSA Será então que o doente piorou?

SIMÃO Nada sei, senhorra, com clarezza. Ela entrei e sai como uma corrida. Eu quasi que nem vi o carra de ela. A senhorra querria alguma coisa falei com ela?

MIMOSA Sim, mas eu posso voltar amanhã. Ou então o senhor me fará o favor de pedir a ela, quando ela vier em casa, que antes de voltar de um pulinho ali para falar comigo. Está bem?

SIMÃO Está muito bem, senhorra, muito bem. Velha Simon diz parra o ela.

MIMOSA Obrigada, então seu Simão. Boa noite.

SIMÃO Boa noite, senhorra.

C/REBECA (PORTA QUE SE FECHA-PASSOS NA CALÇADA ACOMPANHANDO A FALA QUE SE SE GUE)

MIMOSA Talvez Rebeca me possa esclarecer a razão desse abatimento e dessa tristeza que invadiram a alma de meu pobre filho! Eu presinto que algo de muito grave está para acontecer na vida dele e não posso cruzar os braços, indiferente e confiar na sorte. Preciso fazer alguma coisa por ele. Preciso ajudá-lo. Já que não houve meios de fazer com que ele desabafasse comigo, hei de sabê-lo por outra forma. Rebeca parece gostar tanto dele... com toda a certeza há de estar também a observá-lo. E talvez, por ela, eu possa ter uma pista para

iniciar o meu trabalho de ajuda.

CONTROLE CORTINA MUSICAL

MIMOSA Quer um cafézinho, meu filho?

ALEXANDRE Não, mãe, obrigado. Ando com pouco sono e resolvi abolir o café, por uns dias, para ver se melhora.

MIMOSA Por que não vai a um cinema para se distrair um pouco? O que me parece que você está precisando é de distrações.

ALEXANDRE O cinema não me distrai, mãe. Se o filme é ruim, o que é sempre mais comum, acaba saindo de lá muito mais irritado.

MIMOSA O seu doente rico piorou, meu filho? O seu Haroldo? Quem sabe é por causa dele que você anda preocupado?

ALEXANDRE Não, não. Continua sempre no mesmo. Aquele é um caso difícil de se resolver. Por que motivo a senhora me pergunta se ele havia piorado?

MIMOSA Bem, eu pensei porque... porque hoje falei com seu Simão e ele me disse que Rebeca ia passar a dormir lá por uns dias...

ALEXANDRE (NUM PULO) O que?! Rebeca vai passar a dormir em casa de seu Haroldo?

MIMOSA Foi o que me disse hoje o pai dela. Mas por este susto tão grande de sua parte?

ALEXANDRE Bem... a senhora compreende... eu... eu não sabia de nada... Si ele vai dormir lá é sinal que ele piorou, realmente, mas... estranho que não me tenham chamado... que não me tenham avisado nada... (PAUSA E TOM) Bem, mãe, eu vou sair. Talvez dê uma chegada até lá e... talvez não... De qualquer forma não voltarei tarde.

MIMOSA Está bem, meu filho. Deus lhe acompanhe, então.

CONTROLE PASSAGEM MUSICAL

C/REGRA (AMBIENTE DE CAFÉ-VOZES-RISOS-COPOS E ETC.)

ALEXANDRE (PROJETANDO) Dá licença que utilize o telefone um momento, meu amigo?

UMA VOZ Pois não. À vontade. (PROJETANDO-SE E PREDENDO-SE NO FUNDO) Salte uma bebida de limão. Amendoim e batatinhas.

C/REGRA (DISCA QUATRO VÉZES-RUIDO DE LEVANTAR FONE DO OUTRO LADO DA LINHA, PORTANDO AFASTADO)

ALEXANDRE Sou eu, Celeste, Alexandre.

CELESTE Ah, sim. A sua voz está tão diferente...

ALEXANDRE É que eu estou falando de um café onde há muito borborinho e se eu não levantar o tom tenho a impressão de que você não me escuta.

CELESTE Sim, sim.

ALEXANDRE Celeste, eu soube agora de uma particularidade muito interessante sobre o nosso caso e desejava falar com você. Creio que vou dar uma chegada aí, como de costume...

CELESTE Não, não, absolutamente, Não é possível a senhora pretender experimentar-me um vestido às onze horas da noite.

ALEXANDRE A senhora??... Vestido?!!... Celeste, quem está falando aqui é o doutor Alexandre.

CELESTE Sim, sim, eu sei, mas a questão é que a senhora vê... não é possível a senhora vir aqui experimentar-me um vestido numa hora em que todos estão dormindo, compreende?

ALEXANDRE Já sei, agora estou compreendendo. Naturalmente tem alguém à escuta aí perto.

CELESTE Exatamente.

ALEXANDRE Mas eu preciso falar com você de qualquer forma.

CELESTE Pois bem, então vamos fazer uma coisa: eu vou agora à sua casa, a senhora me faz uma prova e amanhã nós combinamos outra hora qualquer para fazer a ~~mesa~~ outra. Está bem?

ALEXANDRE À minha casa não. Não desejo que mamãe tome conhecimento de coisa alguma do que está se passando. Esperarei você de frente à Cigana. Vou agora mesmo para lá. Tome um taxi afim de que eu não fique muito tempo a esperar.

CELESTE Está muito bem, dona Edith. Creio que dentro de 15 minutos já estarei em sua casa...

C/REGRA (DESLIGAR TELEFONE)

CONTROLE CORTINA MUSICAL-RUIDO DE AUMVEL EM MOVIMENTO-NOVAMENTE CORTINA-RUIDO DE RUA

ALEXANDRE Vamos entrar. Arranjaremos um reservado para conversar sem que ninguém nos aborreça.

CELESTE Não é possível, doutor. Vim como estava em casa. Botei apenas este casaco para resguardar-me do frio. Imagine que saí tão precipitadamente que nem pude avisar nada a dona Iris.

ALEXANDRE Falemos rapidamente, então. (AFASTANDO-SE SEMPRE MAIS) Minha mãe falou hoje com o pai de Rebeca e soube que a partir de hoje... (SUMIU)

CONTROLE RÁPIDO HARPEJO-RUIDO DE RUA

CELESTE Era como eu lhe dizia. Tudo deveria ter sido feito ontem. Agora já será muito mais difícil. Vamos ter que lançar mão daquela primeira idéia de trocar as ampoulas para que ela mesma as aplique em seu Haroldo.

ALEXANDRE Veremos isso depois. A "costureira" telefonará para você amanhã ou tra vez. Você avisou dona Iris da intenção dele a respeito dela.

CELESTE Avisar propriamente não. Apenas recomendei-lhe cuidado. Ela não sairá do quarto e não tomará alimento algum que não seja preparado e levado por mim. Creio que com estas precauções o perigo não será tão grande.

ALEXANDRE Em todo o caso volte imediatamente para a casa. Não a deixe só por muito tempo. Olhe, lá está um táxi parado. Vamos andando. Eu lhe acompanho até lá.

CONTROLE CORTINA MUSICAL

IRIS

Coisa estranha... Já por três vezes toquei a campainha chamando Celeste e ela não me atende... O que estará se passando? Terá saído? Não creio. Celeste não sairia sem avisar-me. A campainha dá sinal lá na copa e talvez ela já esteja no quarto. Deve ser isto. Afinal já são quasi dez horas, a coitada fica sozinha, sem ter com quem conversar... Mas eu não posso deixar de falar-lhe. Preciso saber as razões daquelas advertências desta tarde. Ela deve ter tido um motivo muito sério para proceder assim. É verdade que me pareceu muito estranha a atitude de Haroldo esta tarde... Afinal... chamou-me ao seu quarto para coisa nenhuma. Suas palavras pareciam ter, todas, um sentido dúbio... Que estará se passando, afinal? Eu preciso saber. Celeste não me atende, vou procurá-la em seu quarto.

CONTROLE RÁPIDA PASSAGEM MUSICAL

IRIS: Está com luz no quarto, ainda não deve estar dormindo, portanto...

C/REGRA (BATIDAS DISCRETAS EM PORTA-FERTO)

IRIS (CHAMANDO DISCRETAMENTE) Celeste, abra a porta um momento. Eu preciso falar com você. (PAUSA) Que interessante... ela não me atende. Será que não ouviu o meu chamado?

C/REGRA BATIDAS UM POUCO MAIS FORTE EM PORTA FERTO)

IRIS (UM POUCO MAIS FORTE) Celeste! Abra um instante, sim? É Iris quem está aqui. (NOVA PAUSA) Que coisa esquisita! Será que ela dormiu e esqueceu a luz acesa?

C/REGRA (NOVAS BATIDAS AINDA UM POUCO MAIS FORTE)

IRIS (JÁ CHAMANDO ALTO) Celeste! Abra a porta, Celeste! Eu já estou ficando preocupada.

C/REGRA (RUIDO DE FORÇAR UM TRINCO QUE NÃO CEDA)

IRIS A porta está fechada por dentro, portanto ela deve estar aí. (SEMPRE FORÇANDO O TRINCO) Celeste! Abra, Celeste! Acorde, vamos... Eu estou aflita com o seu silêncio.

C/REGRA (BATIDAS JÁ FORTES E NERVOSAS)

IRIS (JÁ BEM ALTO TAMBÉM) Celeste, pelo amor de Deus, acorde. Abra essa porta, que eu já estou nervosa e vou começar a gritar por socorro.

C/REGRA (RUIDO DE CHAVE NA PORTA POR DENTRO-PORTA QUE SE ABRE)

IRIS Ora, graças a Deus que você me ouviu. Eu já estava a ponto de não poder mais... (CORTA BRUSCAMENTE E TOM DE ASSOMBRO) Como?!... Você?!... Você aqui no quarto de Celeste?!... O que faz? Onde está ela? Vamos, responda: e que faz você aqui a esta hora?!...

CONTROLE CARACTERÍSTICA MUSICAL FORTE PARA FINAL DO CAPÍTULO

15 CÓPIAS/AV.

Rosamaria
revisão:
27.10.
2011

NARRADOR Ao final do décimo capítulo, deixamos dona Iris à porta do quarto de Celeste, até onde se decidira ir procurá-la, depois de haver tentado diversas vezes a campainha da chamada sem lograr ser atendida. O quarto estava iluminado por dentro mas dona Iris já a chamara diversas vezes, sem obter nenhuma resposta.

C/REGRA (BATIDAS FORTES E NERVOSAS EM PORTA FERTO)
IRIS (JÁ FALANDO BEM ALTO) Celeste, pelo amor de Deus, acorda. Abra esta porta que eu já estou nervosa e vou começar a gritar por dentro.

C/REGRA (RUIDO DE CHAVE NA PORTA POR DENTRO-PORTA QUE SE ABRE)
IRIS Ora graças a Deus que você me ouviu, afinal. Eu já estava a ponto de não poder mais... (CORTA BRUSCAMENTE E TOM DE ASSOMBRO) Ceme?... Você?... Você aqui no quarto de Celeste?!... O que faz? Onde está ela? Vamos, responda: e que faz você aqui a esta hora da noite?...

REBECA Nada de mais. Precisei de uma informação e vim procurá-la. Ela não estava e eu, para esperá-la, sentei-me numa cadeira e acabei adormecendo. Tenho o sono muito pesado, custei a despertar.

IRIS Mas e por que razão fechou a porta por dentro?

REBECA Bem... eu lhe explico: É que eu estava sentada ali naquela poltrona com a porta entreaberta. De repente, tive a impressão de ver umas sombras atravessarem no corredor. Começaram a invadir-me um tremor e um medo inexplicáveis. Levantei-me, levei do paver e passei a chave na fechadura. Sempre com a esperança de que ela não demoraria a vir, peguei um livro que encontrei sobre a mesinha de cabeceira e comecei a ler para me distrair e afastar o medo. E foi assim que adormeci.

IRIS Eu não posso compreender que a esta hora, Celeste não esteja no seu quarto. Onde mais poderá estar?

REBECA Talvez na copa. A senhora já esteve lá?

IRIS Não estive mas toquei a campainha mais de três vezes e ela não me atendeu... é sinal de que também não está lá.

REBECA Mas pode ser que a campainha não esteja funcionando.

IRIS É, tem razão. Isso eu não havia pensado. Vou até lá, então.

REBECA E eu também volte para o meu posto.

IRIS Ceme?! Você não volta para casa hoje?

REBECA Não... meu Haroldo parece que não estava se sentindo muito bem e me pediu para ficar. (ACHANDO UMA MENTIRA) Foi até a razão porque vim procurar dona Celeste. Queria pedir-lhe um cobertor para enroscar as minhas pernas porque vou dormir recostada na bergé.

(É vovó por que ficou ali hoje? Por que não vai pra casa?)

- IRIS Harelde não está muito bem, você disse? O que é que ele tem?
- REBECA Nada de maier, não se preocupe. Creio que estava apenas um pouco nervoso e, para tranquilizá-lo, eu lhe prometi que ficava.
- IRIS Bem, vou procurar Celeste e, se encontrá-la, direi a ela que providencie no coberter que você deseja.
- REBECA Obrigada.
- IRIS Bãa noite, então.
- REBECA Bãa noite, dona Iris!
- C/REGRA C (PASSOS DE MULHER QUE SE AFASTAM)
- REBECA (MEIO TOM) Isso agora é que fei o diabo! A esta eu consegui enganar com facilidade mas a outra acreditará na minha desculpa? NÃO creio muito. Ela é esperta e desconfiada. Enfim... vamos fazer o possível!
- CONTROLE PASSAGEM MUSICAL
- HAROLDO Puxa que você demoreu uma eternidade, Rebeca. Cheguei a pensar que não voltasse mais.
- REBECA Não fei possível voltar antes, seu Harelde. Quando eu estava terminando a minha busca, dona Iris apareceu lá à procura de dona Celeste e eu tive que inventar-lhe uma mentira qualquer para justificar a minha presença. Rematei mentindo-lhe que fêra pedir um coberter para enrolar as pernas porque o senhor me havia pedido para passar a noite aqui que não estava se sentindo muito bem.
- HAROLDO E ela acreditou?
- REBECA Parece que sim. Pelo menos... fei essa a impressão que me deu.
- HAROLDO A negera é que talvez não acredite e isso virá atrapalhar completamente os nossos planos porque se os encontros deles se realizam à noite, como eu suspeito, sabendo que você está aqui, eles hão de se cuidar para não serem descobertos. Mas deixemos para pensar nisto depois. Diga-me: encontrou alguma coisa que possa fortalecer a nossa desconfiança?
- REBECA Talvez. Diga-me o senhor! dona Celeste fuma?
- HAROLDO Que eu saiba, não.
- REBECA Pois bem, aqui tem três pentas de cigarros que eu encontrei dentro de um cinzeiro, no quarto dela.
- HAROLDO Deixe-me ver. (PAUSA) Liberty. Cigarro forte. Mesmo que ela fume não creio que sejam dela. Vamos guardá-los. Bote-os na gaveta da minha mesinha de cabeceira.
- C/REGRA (PASSOS-ABRIR E FECHAR GAVETA)
- HAROLDO Precisamos agora descobrir que marca fuma ele.
- REBECA Isso será fácil. Na primeira visita que ele nos faça, eu tratarei de observar.
- HAROLDO Ele hoje não apareceu.
- REBECA Possivelmente há de vir amanhã. (PAUSA)
- C/REGRA (BATIDAS DISCRETAS NA PORTA)

REBECA (BAIXO) Cuidado. Feche os olhos e finja que dorme. Deve ser dona Celeste que voltou da costureira e vem trazer-me o cobertor.

C/REGRA (PASSOS QUE SE AFASTAM-PORTA QUE SE ABRE)

CELESTE (AFASTADA MEIO TOM) Boa noite.

REBECA (IDEM) Boa noite.

CELESTE Dona Iris me disse que você queria um cobertor, não é?

REBECA Sim. Até já tinha andado à sua procura pela casa toda e nem no seu quarto a encontrei.

CELESTE Extravagâncias da minha costureira. Chamei-me quase às dez horas da noite para experimentar um vestido, dizendo que ia viajar e precisava deixar tudo pronto. Não tive outro remédio senão ir. Até pensei que você me tivesse visto sair.

REBECA Não... não vi...

CELESTE Ele está dormindo?...

REBECA Sim. Logo depois do remédio, adormeceu como de costume.

CELESTE Dona Iris me disse que ele pediu para você ficar.

REBECA Sim, mas foi só esta noite. Ele estava um pouco nervoso. Amanhã já não será mais preciso.

CELESTE Aqui está o cobertor.

REBECA Muito obrigada.

CELESTE Boa noite, então.

REBECA Boa noite, dona Celeste.

C/REGRA (PORTA QUE SE FECHA-POUCOS PASSOS QUE SE APROXIMAM)

REBECA (TOM BAIXO) Pronto, pode abrir os olhos. Mas fale baixe porque ela pode estar escutando do lado de fora do corredor. O que é que se senhor acha? Ela terá agridade na minha desculpa?

HAROLDO Não creia. Essa mulher é por demais venenosa para aceitar as coisas com a naturalidade que ela aparentou. Em todo o caso fez muito bem em dizer-lhe que ficará apenas esta noite porque temos que dar a eles a impressão de que vai ser realmente assim. Nem que você tenha que voltar a dormir em casa umas duas ou três noites.

REBECA Sim, sim. Também me parece que é o melhor que temos a fazer. Abandonar a nossa vigilância uma, duas ou quatro noites para que eles se acreditem novamente em liberdade e depois passar a ficar aqui sem que eles se apercebam.

HAROLDO Isso. E agora o primeiro que temos a fazer é descobrir a marca de cigarros que ele fuma. Amanhã de manhã, sob o pretexto de que eu não passei bem a noite, você o chamará. E se a marca for a mesma...

CONTROLE CORTINA MUSICAL

CELESTE Dona Iris é muito ingênua. Acreditou nas todas desculpas dessa rapariga. E eu fingi acreditar também mas no fundo... eu sei bem o que ela estava fazendo aqui no meu quarto. Preciso falar amanhã sem falta ao deuter Alexandre para tomarmos imediatas providências antes que seja muito tarde. Este páreo... vencerá o que correr mais depressa

sa.

CONTROLE CORTINA MUSICAL

ALEXANDRE Alguma novidade, mãe?

MIMOSA Sim, meu filho. Tem dois chamados para você. Eu tomei nota aí no bloco.

ALEXANDRE (DEPOIS DE PAUSA) Ué, da casa do seu Haroldo?

MIMOSA Sim. Telefonaram de manhã cedo. Logo depois que você saiu.

ALEXANDRE Talvez seja alguma coisa urgente, então.

MIMOSA Não. Rebeca me disse que ele não passou muito bem à noite e que você, quando pudesse, desse uma chegadinha lá para vê-lo.

ALEXANDRE É estranho. Ele toma remédio para dormir... Dorme sempre a noite toda...

MIMOSA Mas não foi você mesmo que me disse que esses remédios, depois que o organismo se acostuma com eles já não produzem mais o mesmo efeito.

ALEXANDRE Sim, pode ser isto. Neste caso... teremos que aumentar-lhe a dose. Bem, eu vou almoçar, descanse um pouco e depois vou até lá.

MIMOSA Quer almoçar agora? O almoço está pronto.

ALEXANDRE Sim, é melhor. Tenho muito serviço hoje à tarde e almoçando mais cedo a tarde fica maior.

MIMOSA Então vá, meu filho. Fiz um pratinho gostoso que você aprecia muito.

CONTROLE CORTINA MUSICAL

C/REGRA (CIGARRA-PASSOS DE MULHER QUE SE APROXIMAM-PORTA ABRE PERTO)

CELESTE O senhor, deuter? A esta hora? O que houve?

ALEXANDRE Não sei. Eu é que lhe pergunte. Fui chamado pelo telefone.

CELESTE Quem o chamou?

ALEXANDRE Rebeca. Telefonou lá para casa, falou com minha mãe e pediu que eu viesse a qualquer hora da tarde que ele não havia passado bem a noite.

CELESTE Eu sei porque! Não tomou o remédio para dormir na hora em que devia! Lá em casa e meia da noite estavam os dois conversando no quarto. Não ouvi e que diziam mas senti perfeitamente que conversavam quando fui levar um cobertor que a enfermeira havia pedido. Ela mentiu que ele estava dormindo, mas depois que fechou a porta, eu voltei e senti que continuavam conversando. De certo tramando alguma coisa. Ela esteve no meu quarto, na minha ausência. Examinou tudo. Remexeu as gavetas, os armários... enfim, fez uma busca em regra.

ALEXANDRE Que pretendia encontrar lá?

CELESTE Não sei. Só sei que tenho um pressentimento horrível de que hoje ou amanhã estará consumado aquilo que eu tanto me esforcei para evitar. Enfim!... A minha consciência ficará tranquila porque, de minha parte eu tenho a certeza de que fiz o que me era possível. (TOM) Mas vá! Vá atendê-lo que nessa demora já deve estar sendo notada.

Não diga!

CONTROLE CORTINA MUSICAL

ALEXANDRE Mas então? O que foi que houve com o senhor?
HAROLDO Insônia outra vez, deuter. Dormi pouco e mal esta noite.
ALEXANDRE Mas o remédio foi tomado na dose exata e na hora precisa?
HAROLDO Como sempre, deuter.
ALEXANDRE Bem... neste caso... aumentaremos um pouco a dose. A senhora vai dar-lhe, hoje à noite, uma drácea e mais um pedacinho. Assim como uma quarta parte da outra, entendeu?
REBECA Entendi, deuter.
ALEXANDRE Às nove e meia eu dez horas eu darei uma chegadinha aqui. Se o remédio não tiver produzido efeito, trarei uma injeção. Embora a indicação seja a mesma, às vezes só em mudar-se o medicamento já se obtém um ótimo resultado. (TOM) Bem, e agora eu vou que estou muito atropelada de serviço hoje.
HAROLDO Um momento, deuter. Pode ceder-me um cigarro?
ALEXANDRE Mas... o senhor não deve fumar... Eu já lhe preveni.
HAROLDO Quasi não fumo, deuter. Esta semana, por exemplo, não fumei mais do que dois cigarros.
ALEXANDRE Mas não deveria fumar nenhum.
HAROLDO Eu sei, mas... a gente não pode deixar um vício de tantos anos assim de uma hora para outra. Um cigarro só, deuter. Prometo-lhe que tão cedo não voltarei a pedir-lhe.
ALEXANDRE Está bem. Vá lá. E que seja este o último. Eu não lhe darei mais nenhum.

HAROLDO (COM SEGUNDO INTENÇÃO) Não será mais preciso. Este bastará.

ALEXANDRE Perfeitamente. Aqui e tem. Sirva-se.

CONTROLE CORTINA MUSICAL

LOCUTOR PUBLICIDADE

CONTROLE CORTINA MUSICAL

HAROLDO Benita cigareira.
ALEXANDRE Gentileza de um cliente.
HAROLDO Como se abre? Não consegue encontrar-lhe o fecho.
ALEXANDRE Com licença. Aperta-se aqui e a tampa salta.
HAROLDO Estranha também.
ALEXANDRE Pode servir-se.
HAROLDO É esta a marca que fuma?
ALEXANDRE Sim.
HAROLDO Não lhe parece forte demais?
ALEXANDRE Talvez, mas estou habituado com ele há tantos anos que nem sinto.
REBECA Que marca é, seu Haroldo?
HAROLDO (MARCADO E COM INTENÇÃO) Liberty.

CONTROLE ACORDE FORTE E TETRICO EM CIMA DA PALAVRA-NÃO CORTA

ALEXANDRE Porque pergunta, Rebeca? Você também fuma?

REBECA Não, não... curiosidade, apenas... Como o seu Haroldo falou que

era muito forte, despertou-me o desejo de perguntar.

ALEXANDRE Bem... eu vou então. À noite voltarei aqui.

CONTROLE CORTINA MUSICAL

SIMÃO E então, meu filha? Como estive e noite? Bem?

REBECA Mais eu menes, velho. Fei uma noite um pouco chata. Tive que dormir sentada, com um ceberter enrolado nas pernas.

SIMÃO Sentada, meu filha? Mas por que nem dormi na cama?

REBECA Porque não tinha outra cama no quarto e pra botar era muito trabalhoso.

SIMÃO E a seu Harrelde passou bem?

REBECA Mais eu menes, também. Dormiu pouco e incomodou bastante.

SIMÃO (MEIO TOM-INTERESSEIRO) E a negociação da casamente, meu filha? Ele ~~meu~~ desistiu.

REBECA Não, ele não desistiu mas primeiro o senhor sabe e que é que nós temos que fazer.

SIMÃO E o que esperram? Per que demoram tanto? Pensei que estava hoje e por isso você ficava lá parra derruir.

REBECA Ué, velho, e que é isso? Também não é assim. Precisamos ter provas da traição dela, primeiro.

SIMÃO E nem tiverem nenhuma até agora?

REBECA Recentem de noite encontrei as primeiras: cigarros da marca que ele fuma, no quarto de dona Celeste. Parece que ele se encontra lá, depois que seu Harrelde dorme.

SIMÃO Oh que bandidos! E que bem, meu filha, que seja verdade.

REBECA Esta noite ele vai lá às nove e meia e depois eu vou cuidar a sua saúde. Si ele ~~meu~~ entrar no quarto de dona Celeste e ela também for para lá, aí, então, não existem mais dúvidas.

SIMÃO Si, si... si ela for nem podem ficar dúvidas...

REBECA Si ela não for... teremos que continuar esperando.

SIMÃO Per que?

REBECA Ora por que velho? Porque precisamos das provas, era belas.

SIMÃO Orra provas! E mesmo que ela nem ir você nem pode dizer que ela foi?

REBECA (PEQUENA PAUSA) Hein?... Como é isso, velho?

SIMÃO Ele nem sai de cama. Bem sabe e verdade eu nem verdade. Você diz que ela foi e ele acredita.

REBECA Oh, velho! E eu achando que tu eras burro, hein?!... Quando se trata de dinheiro a tua burrice se desenvolve com inteligência, não?

SIMÃO A velha Simon está cansada de sofrer meu filha. Cansada de passar vida ruim. Vê e mesa do ele! Vê e cama do ele! Vê e repa do ele no corpo. Tudo ruim. Ele deseja um vida melhor, meu filha. Cansada de passar trabalho neste casa velho e andar na rua, com frio e com chuva parra vender dois ou três gravatas e nem merê de fome. Agora cheguei a momento da meu filha Rebeca ajudei a velha Simon. Che-

guei a momento de derrair ne cama fêfa, comer bens comides e vesti reupa bem. (PAUSA E TOM) Rebeca!... Meu filha!... O filha mais que rride de papai de ela!...

REBECA Bem, agera eu volte prá lá que não posse ficar muito tempe longe. Vin só dar uma olhada per aquí e buscar uma reupa.

SIMÃO Vai, meu filha, vai. E leva a tua papai ne teu lembrança!

CONTROLE CORTINA MUSICAL

IRIS (SÓ) Que angústia eu tenho, meu Deus!... Que apêrte ne coração!... Parece que esteu prenunciando uma grande desgraça! Não sei se é a falta de notícias de minha filha que há mais de quinze dias não me escreve... Não sei se são as idéias mórbidas de Celeste que estão me influenciando e espírite... Só sei que não consigo ter um momento de paz e de tranquilidade! Vive assustada... rodeada de sombras... Atormentada pela lembrança de Alexandre que eu mesmo procurei afastar de mim mas que não me abandona um só instante!... E agora não tenho nem mesmo com quem conversar! Celeste entra e sai sempre apurada, dizendo-se vigiada pela enfermeira... Porque tudo isto, meu Deus?! Per que?!... Tantas lágrimas!... Tantas angústias!... Tantas aflições!... E um mãe... um mãe constante de alguma coisa que eu não sei bem definir!... Per que a vida me cobra um tão alte tributo?!... Oh, meu Deus, meu Deus, como eu sou infeliz!... (DESA TA A SOLUÇAR PERDIDAMENTE)

CONTROLE CORTINA MUSICAL DRAMÁTICA-RUIBDO DE VENTO EM FUNDO PARA TODA A CENA

MIMOSA Meu filho, per que não se deita mais cêde hoje? Está tanto frio!

ALEXANDRE Não posse deitar-me, mãe. Inda vau sair.

MIMOSA Ora que pena! A noite está tão feia! Parece até que vamos ter tempestade. Veja como está ventando forte.

ALEXANDRE (DEPOIS DE PAUSA) É, sim.

MIMOSA Per que não fica em casa? Vai se expôr a pegar um resfriado com uma noite assim.

ALEXANDRE Não posse ficar, mãe. Fiquei de voltar na casa de um cliente depois das nove e meia.

MIMOSA Pois então per que não vai logo, para voltar mais cêde e ver se escapa da chuva?

ALEXANDRE Porque ainda não são nove e meia e eu preciso esperar o tempo exato para observar o efeito de um remédio que mandei dar.

MIMOSA Ah, sim. Então, quando fôr, veja se pega um táxi ali na ponte e volte também de táxi para não apanhar tanto frio.

ALEXANDRE Não se preocupe, mãe, eu esteu acostumado a sair com noites até pléres de que esta.

MIMOSA Bem sei, meu filho, mas de qualquer modo a mãe sempre fica aflita.

ALEXANDRE Pois bem, tranquilize-se que eu lhe prometo ir e voltar de táxi.

MIMOSA Obrigade, querido. Compreendo que às vezes seu um pouco exagerada nos seus cuidados mas você é tudo o que me resta na vida, meu fi-

lhe. Se você me faltasse eu nem sei o que seria de mim! Procure compreender também isto e desculpar-me, às vezes, das minhas impertinências.

ALEXANDRE Ora, mamãe! Desculpá-la de que, se a senhora só me dá carinho e ternura?!... Nada disto. Não me peça desculpas de um bem tão grande que me dá.

MIMOSA Como você é parecido com seu pai, meu filho! Agora então, neste gesto que fez de virar a cabeça... com essa réstoa de luz do abat-jour sobre os seus cabelos dourados...

C/REGRA (UMA BATIDA DE RELÓGIO)

ALEXANDRE Neve a meia, mamãe. Agora eu vou.

MIMOSA Vá, meu querido, vá. E eu vou esperar que você volte para fazer-lhe um chá bem quente.

CONTROLE CORTINA MUSICAL-EM FUNDO PARA A CENA TODA-TROVÕES. CHUVA EVENTO

REBECA O deuter vem aí.

HAROLDO Deixa que se aproxime esse cretino. A hora dele seará.

REBECA Cuidado seu Haroldo, contenha-se. Se deixar transparecer alguma coisa ..

HAROLDO (CORTANDO) Não tenha receio. Saberei dissimular.

REBECA Assim é preciso. De contrário o nosso plano não logrará vitória.

C/REGRA (BATIDAS DISCRETAS NA PORTA)

HAROLDO (PROJETANDO) Entre.

C/REGRA (PORTA QUE SE ABRE)

ALEXANDRE (AFASTADO) Como?! Não dormiu, ainda?

C/REGRA (PORTA QUE SE FECHA-PASSOS QUE SE APROXIMAM)

REBECA Ainda não deuter.

ALEXANDRE (APROXIMANDO-SE) E deu-lhe a dose de remédio que recomendel?

REBECA Ele não quis tomá-la, deuter. Cismou que não iria adiantar coisa nenhuma e não houve maneira de convencê-lo.

ALEXANDRE Não faz mal. Traga aqui umas ampolas que hão de lhe proporcionar um sono muito bom. Aprice-lhe a primeira agora e si ela não fizer efeito a senhora poderá aplicar-lhe uma segunda duas horas depois, eu seja à meia noite. Tem a seringa esterilizada? *

HAROLDO Não, deuter, não quero agora essa injeção.

ALEXANDRE (ALARMADO) Per que?

HAROLDO Porque não quero dormir ainda. Mais tarde, talvez.

ALEXANDRE Mas o senhor necessita dormir para repensar.

HAROLDO Mais tarde. Rebeca me aplicará depois a injeção.

ALEXANDRE Está bem. Seja como quiser. Vou então deixar aqui a caixa. A hora que ele quiser aplique-lhe a primeira ampoula e observe-lhe o efeito. Caso não seja suficiente uma ampoula já sabe! duas horas depois aplique-lhe a segunda.

REBECA Compreendi, deuter.

ALEXANDRE E já que não me resta fazer mais nada... vou para a casa dormir.

Vou chamar um táxi pelo telefone porque a noite está terrível. Boa noite.

REBECA Boa noite, doutor. Quer que chame o táxi para o senhor?

ALEXANDRE Obrigado, não é necessário. Pedirei a dona Celeste que o chame.

CONTROLE RÁPIDA PASSAGEM-PROSSEGUE O FUNDO DE TEMPORAL

CELESTE (MEIA VOZ) E então? Tudo feito?

ALEXANDRE ((IDEM)) Não.

CELESTE Vai me dizer que faltou-lhe a coragem?

ALEXANDRE Também não. Ele não quis tomar a injeção.

CELESTE Per que? Terá desconfiado alguma coisa?

ALEXANDRE Não sei. Deixei lá a caixa para que a enfermeira a fizesse depois. São duas ampolas semente. Amanhã, se elas não tiverem sido utilizadas, você dará um jeito de fazer com que elas desapareçam.

CELESTE E se forem aplicadas?

ALEXANDRE Você retirará do pratinho as ampolas servidas, esvaziará estas duas e as colocará no lugar das outras. Se desconfiarem de alguma coisa e mandarem examinar algumas gotas restantes, nada poderão fazer contra nós porque estas aqui são completamente inofensivas.

CELESTE Pode ficar descansado. No momento da confusão será fácil fazer tudo isto.

CONTROLE: MUSINA DE AUTOMÓVEL FORA REPETIDAS VEZES

CELESTE Ai está o táxi.

ALEXANDRE Boa noite então, Celeste. Vamos aguardar.

CELESTE Sim, vamos aguardar. E esperemos que seja esta a noite da libertação.

CONTROLE PASSAGEM MUSICAL DRAMÁTICA-CONTINUA O TEMPORAL EM FUNDO

C/REGRA (PORTA QUE SE ABRE E ZUCHA-PASSOS FEMININOS QUE SE APROXIMAM)

HAROLDO (ANCIOSO) E então? (PAUSA) Vamos, criatura, fale. Diga o que viu.

SIMONE (VOZ DE SOPRO) E mesmo que ela nem ir você nem pode dizer que ela foi? Ele nem sai de cama. Nem sabe a verdade ou nem verdade. Você diz que ela foi e ele acredita.

HAROLDO (ZANGADO) O que espera? Fale, ande. Diga, seja o que fôr.

REBECA Era... era tal qual o senhor imaginava.

HAROLDO Explique-se, criatura. Fale claro.

REBECA Ele... Ele está no quarto de Celeste... com ela.

HAROLDO (VOZ SOTURNA) Eu sabia... Eu já tinha a certeza de tudo, desde que pude tirar a prova da marca dos cigarros... (PAUSA-ÓDIO) Mas eles têm de me pagar bem caro. Não de morrer os dois... Ele... e ela!...

CONTROLE RUÍDO FORTÍSSIMO DE TROVÃO E A SEGUIR A CARACTERÍSTICA TAMBÉM FORTE PARA FINAL DE CAPÍTULO

Torres
Lena "REBECA"

revisão
27.10.
2011

OPERADOR CARACTERÍSTICA

LOCUTOR No final do capítulo anterior, deixamos Haroldo e Rebeca no quarto do primeiro, justamente no instante em que o enfermo indagava a enfermeira o resultado da espionagem que mandará fazer acerca do procedimento do doutor Alexandre com dona Iris. O medico nem sequer se avistara com a esposa do enfermo, mas a enfermeira, ávida pela promessa de um casamento que lhe daria uma grande fortuna, depois de retardar-se algum tempo pelos corredores, justamente no instante em que o doutor Alexandre retornava a sua casa, entrava no quarto dizendo...

REBECA Era...tal qual o senhor imaginava.

HAROLDO Explique-se, cratura. Fale claro.

REBECA Ele...ele está no quarto de Celeste...com ela.

HAROLDO (VOZ SOTURNA) Eu sabia...Eu ja tinha certeza de tudo, desde que pude tirar a prova da marca dos cigarros... (PAUSA/ODIO) Mas, eles não de pagar bem caro. Não de morrer os dois...ele...e ela!...

REBECA Ele e ela o senhor disse? Mas não foi isto que combinamos.

HAROLDO Bem sei. Mas ele precisa pagar o seu crime.

REBECA E quer maneira pior de paga-la do que sofrer a morte e saudade de la?

HAROLDO Parece-lhe que basta tão pouco?

REBECA Quando se ama verdadeiramente é a ultima coisa que se deseja. Quem morre desaparece e não sofre sinão no instante de morrer. Quem vive e sofre a tortura da ausencia do objeto amado, vive morto em sofrimento. E é um sofrimento que se arrasta pelas horas todas do dia, das semanas dos meses e dos anos. Uma dor que não termina e que dóe sempre. Pior. Mil vezes pior do que a morte. Eu quero morrer e não sofrer por amor.

HAROLD Sim...voce tem razão. (PAUSA/PENSANDO) Mas neste caso talvez fosse melhor, então, aplicar essa castigo a ela.

REBECA (NUM PULO) Isso não. Nesse caso eu ficaria sem o premio que o senhor me prometeu.

HAROLDO Eu pensaria numa outra forma de recompensar-te.

REBECA Nenhuma outra forma me servirá a não ser a que o senhor me propoz. Ou então...eu retiro o meu compromisso de auxiliá-lo.

HAROLDO (DEPOIS DE POUCA PAUSA) Bandidos! Infames!...Traidores!...Era aos dois que eu devia estar!...

REBECA Bem, vamos deixar o resto para ~~amã~~ pensar amanhã, quando ambos estivermos com a cabeça um pouco mais no lugar.

HAROLDO Nesta hora, com certeza, eles estão nos beijos e nos abraços, e eu aqui. Impossibilidade de fazer alguma coisa para desagrevar-me. Inutilidade de ficar desta casa. (FURIOSO) (DANDO SOCOS NAS PERNAS) E

tas malditas pernas não se obedecem. Nem ao menos reagem diante dos socos que lhes dou. Nem os sinto. E como si eles fossem de pedra. E de pedra deveria ser o meu coração para não sofrer esta tortura de me ver traído sem que me seja dada a possibilidade de surpreendê-los em flagrante e cuspir com asco na cara dos dois! Vamos, acalme-se. Olhe que podem ouvi-lo.

REBECA

HAROLDO Vamos, depressa. Faça-me uma injeção. Eu preciso dormir. Não posso pensar em mais ou acabarei enlouquecendo.

OPERADOR CORTINA MUSICAL DRAMATICA

C|REGRA DUAS BADALADAS ESPAÇADAS E AFASTADAS.

HAROLDO (MEIA VOZ, COMO QUE NUM TORPOR DE EMBRIAGUEZ) Infames... maldites... traíram-me... miseráveis!... Miseráveis!...

REBECA

(SUAVEMENTE) Seu Haroldo. Seu Haroldo. pare um pouquinho com os braços. Não se agite tanto que eu vou lhe fazer uma outra injeção para o senhor dormir mais profundamente e poder descansar.

HAROLDO Era a ela... que eu devia deixar viver... para sofrer bastante.

REBECA

Quietude. Não se mexa agora. Fique quietinho. Se o senhor começar a agitar-se eu poderei quebrar a agulha no seu braço.

HAROLDO Queria poder surpreendê-los. Cuspir-lhes na cara...

REBECA

Vamos, fique quieto. Só mais um pouquinho. Já está quase. (PAUSA) Assim está, pronto. Daqui a pouco o senhor já vai dormir melhor.

HAROLDO Eu... casarei... (PERDENDO A VOZ AOS POUCOS) Casarei com você... se...

voce... me ajudar... a mata-la... Ela... lá... ela precisa... há... de pagar... com a vida... a traição... que me... fez...

(COMEÇA A RESPIRAR PUNDO E RITMADO, COMO ALGUEM QUE SE EMBRENHOU EM SONO PROFUNDO)

OPERADOR CORTINA MUSICAL DRAMATICA

REBECA (DEPOIS DE PAUSA) Pronto. Agora ele adormeceu de verdade. meio embriagues em que se achava. (PAUSA E SUSPIRO DE CANSADO) Também... já não era seu tempo. Ele vai descansar por umas horas e eu também... que estou exausta!

OPERADOR CORTINA MUSICAL

C|REGRA NOVE BADALADAS ESPAÇADAS E AFASTADAS.

CELESTE (PARA SI MESMA, MEIO TOM) Nove horas e até agora nenhum movimento no quarto. Ela ontem acordou tão cedo! Será possível que não tenha despertado ainda? E ele? Terá consentido em tomar a injeção? Terá recusado? Estará morto ou vive ainda? Eu não posso mais conter a minha ansiedade. Vou bater. Direi a ela que estranhei o silencio e suguei-me.

C|REGRA BATIDAS SUAVES EM PORTA LENTO

CELESTE (MEIA VOZ PROJETADA) Rebeca! Rebeca!... São nove horas! Você não vai querer o seu café? (PAUSA/PARA SI MESMA) Nada. Ela terá saído? Vou experimentar a porta. Deve estar fechada por dentro, com certeza... (CORTA E

C|REGRA RUIDO SUAVE DE TRINCO

CELESTE TOM DE ADMIRAÇÃO) Aberta! (BALÇA MAIS O TOM DEPOIS DE PAUSA) Estão ambos dormindo. E as injeções? (PAUSA)

C|REGRA RUIDO LEVE DE AMPOLAS EM PRATO

CELESTE Aqui estão as ampolas... (PAUSA) ~~Vai~~ ~~as!~~... Então... Então ele deve ~~estar~~ estar morto!... Vou aproveitar esta oportunidade para trespassar as ampolas e ao mesmo tempo esvasiar o vidro das drageas. Depois... ela que ouse levantar qualquer suspeita que eu a acusarei!

OPERADOR CORTINA MUSICAL DRAMÁTICA

C|REGRA DEZ BADALADAS ESPACADAS E AFASTADAS. CAMPAINHA DE TELEFONE PASSOS DE MULHER QUE SE APROXIMAM. RUIDO DE LEVANTAR O FONE DO GANCHO.

CELESTE Alô!

ALEXANDRE (AFASTADO E FALANDO NUM FONE) Quem fala aí?

CELESTE É da casa do senhor Haroldo Berlinek. É aí?

ALEXANDRE É Celeste quem está no telefone?

CELESTE Sim. Quem fala aí?

ALEXANDRE Sou eu, Celeste. O doutor Alexandre.

CELESTE Ah, sim.

ALEXANDRE Como foi a noite?

CELESTE Creio que muito bem. Não se sabe nada ao certo, ~~porque~~ porque ainda não houve nenhum movimento.

ALEXANDRE Mas e Rebeca? Ainda não se levantou? São dez horas.

CELESTE Per ora ainda não. Vamos esperar um pouco mais. Ache que não ~~há~~ *há de* ~~esperar~~ *esperar* muito mais.

ALEXANDRE Não esqueça a minha recomendação sobre as ampolas.

CELESTE Não se preocupe que está tudo feito.

ALEXANDRE Como? Você já entrou no quarto?

CELESTE Sim.

ALEXANDRE Mas então ele chegou a tomar a injeção?

CELESTE As duas.

ALEXANDRE Tem certeza que ela não observou a sua entrada e os seus movimentos lá dentro?

CELESTE Absoluta.

ALEXANDRE E ele? Você não observou nada?

CELESTE Não quis. Deixei para saber mais tarde.

ALEXANDRE Bem, e... que acha que devo fazer agora?

CELESTE Aguardar o chamado.

ALEXANDRE Sim, sim... não devo ir antes. Estarei no consultório, ouviu?

CELESTE Perfeitamente.

ALEXANDRE Até logo, então, Celeste.

CELESTE Até logo. ~~##~~

C|REGRA RUIDO DE DESLIGAR TELEFONE

CELESTE Bem se vê que é marinho de primeira viagem. Fazer certas perguntas ao telefone! Felizmente, pelas minhas respostas sempre lacônicas, ele parece que compreendeu que não devia perguntar mais

nada e tratou de desligar. Bem... deixa-me ir ao quarto de dona Iris ver si ela deseja alguma coisa.

OPERADOR CORTINA MUSICAL

CELESTE Não tomou todo o café e nem sequer tocou nas torradas.

IRIS Não possa ter nenhum apetite, Celeste. Comer, para mim, acredite que é um grande sacrificio.

CELESTE Mas a questão é que a senhora precisa ~~forçar~~ forçar porque não pode ficar assim com tão pouco alimento.

IRIS Não é possível, Celeste. Eu tenho tentado ~~mas~~ é inutil. Os alimentos se atravessam na minha garganta e não ha formas de engull-los.

CELESTE Ah, meu Deus! Até quando irá este estado de coisas!... Eu confesse que ja começo a sentir cansaço!

IRIS E eu confesse que me sinto estenuada, Celeste.

CELESTE Mas tem que sentir-se. Ninguém pode resistir tanto assim.

IRIS Meus m ombros começam a se tornar frageis ao peso da minha cruz. O caminho é tão longo! Tão cheio de espinhos!... Tenho os pés tão feridos. ~~Como~~ Tão cansadas! E no entanto tenho a certeza de que ain da não pabilhei, sequer a metade do meu calvario!

CELESTE A senhora precisa deixar um pouco o coração a larga. Sair... apenas har col... distrair-se, enfim. Vive encerrada nestas quatro paredes, a pensar constantemente não seu imenso infortunio.

IRIS Não posso desviar-me dele por mais que tento!

CELESTE Pode, sim. É uma questão de força de vontade. E é isso que a senhora não tem. Quando o doutor Alexandre podia conversar com ~~uma~~ ~~senhora~~ senhora...

IRIS (CORTANDO) Eu ja te proibi muitas vezes de falar no nome dele e tu ~~insiste~~ insistes sempre, Celeste. Não quero mais isso, ouviste? Não quero. Si és de verdadeiramente minha amiga tens que me ajudar a esquecer-le em vez de m'e fazer lembra-lo a cada momento.

CELESTE Está bem, desculpe. Foi sem querer.

IRIS (DEPOIS DE PAUSA) Como passou Haroldo esta noite? Fa falaste com a enfermeira?

CELESTE Inda não, dona Iris. Nem sequer a vi. Penso que ela ainda não saiu do quarto.

IRIS Mas não é possível. Ele não pode ficar assim tanto tempo sem alimento.

CELESTE Mas naturalmente deve estar dormindo, sinão ela ja teria se movimentado.

IRIS Mas ele nunca dorme até tão tarde... Que horas são?

CELESTE Dez e vinte.

IRIS Pois então? Ele nunca vaiz alem das nove e meia e isto mesmo quando passa muito bem a noite, de contrario uma hora antes ja está acordado.

CELESTE A senhora acha que devo bater na porta do quarto?

IRIS Talvez fosse conveniente. Não-lhe parece?

CELESTE Não sei... penso que poderíamos esperar um pouquinho mais. Vamos que por um acaso, ele ainda esteja dormindo e, se acorde com as batidas? A senhora sabe que ele fivaria indignado.

IRIS Sim, de fato, mas... eu confesso que estou muito preocupada e aflita com essa demora.

CELESTE Bem... se a senhora prefere que eu bata, não me custa.

IRIS Vamos esperar mais uns dez minutos. Se até as dez e meia não se ouvir nenhum ruído no quarto voce então baterá. O doutor, ontem, esteve aí á noite, voce havia me dito?

CELESTE Sim. Chamam-me pelo telefone.

IRIS E por que motivo? ele não lhe disse, ao sair?

CELESTE Por nada. Simplesmente porque na noite anterior as drageas para o sono não haviam produzido o mesmo resultado. Ele então determinou que aumentassem um pouquinho a dose. Mais um quarto de drageas... Talvez por isso...

IRIS Sim, pode ser... talvez que a dose nunca aumentada...

REBECA (BEM AFASTADA, GRITANDO COM DESESPERO) Dona Iris! Dona Celeste! Depressa! O seu Haroldo! Socorro!... Socorro!...

IRIS (AFLITÍSSIMA) E a voz da enfermeira pedindo socorro! Meu Deus!... Que será sucedido?

OPERADOR CORTINA MUSICAL DRAMÁTICA E FORTE, ABAFANDO OS ÚLTIMOS GRITOS

// PUBLICIDADE //

OPERADOR CORTINA MUSICAL DRAMÁTICA

REBECA Dona Iris! Dona Iris! Não fique assim parada... Chame depressa e dr. Alexandre, antes que seja tarde! Depressa!

IRIS (REPETINDO AS PALAVRAS O PENSAMENTO DISTANTE) O doutor Alexandre..

REBECA Sim, o doutor Alexandre. Mas acorde, dona Iris. A senhora parece que está dormindo. Ordene que o chame, depressa! (PEQUENA PAUSA) Dona Iris a senhora não me ouve? Desperte, vamos...

CELESTE Desperte voce, rapariga e acalme-se. Então não ve que ele está morto? Que a pressa não adianta mais nada!...

REBECA Morto! Ele está morto!...

CELESTE Claro que está. Basta olhar-se para ele que logo se percebe. Que especie de enfermeira é voce que nem sabe distinguir um corpo com a vida de outro que ja não mais possui? Ele está completamente gelado e transparente. Afiance-lhe que há mais de duas horas, já, que entregou a sua alma ao Creador.

REBECA Morto!... Ele está morto!...

IRIS Está morto!

REBECA Que horror!... E agora?

CELESTE Agora precisamos de muita calma para tomar todas as providencias que o caso exige.

IRIS Ele está morto!

CELESTE Vamos telefonar ao doutor Alexandre porque de qualquer maneira ele terá que passar o atestado de óbito.

IRIS Ele está morto!

CELESTE Temos também que passar um telegrama para São Paulo, já avisando dona Enoc da morte do pai!

IRIS Ele está morto!

CELESTE Mas antes de tudo vamos tirar dona Iris daqui.

IRIS Ele está morto!

CELESTE Vamos levá-la para o seu quarto que ela ficará melhor lá do que aqui.

IRIS Ele está morto!

CELESTE Venha dona Iris. Venha comigo. Vamos para o seu quarto.

IRIS Ele está morto!

CELESTE Pegue-a pelo outro braço, Rebeca. Vamos levá-la.

~~REBECA~~ Sim senhora.

IRIS Ele está morto.

C|REGRA PASSOS LENTOS DE DUAS PESSOAS ARRASTANDO UMA PERCEIRA E AFASTANDO

IRIS (CADA VEZ AFASTANDO MAIS) Ele está morto! Ele está morto! Ele está morto! Ele está morto!...

OPERADOR. PASSAGEM MUSICAL BASTANTE DRAMÁTICA

C|REGRA CHAMADA DE TELEFONE/PASSOS DE MULHER SE APROXIMAM/LEVANTAR FONE

MIMOSA Alô!

CELESTE (AFASTADA, NO FONE) Quem fala aí?

MIMOSA É da casa do doutor Alexandre Passos. Aí quem fala?

CELESTE Aqui é da casa do senhor Haroldo Berlinck. É a mãe do doutor Alexandre que está atendendo o telefone?

MIMOSA Sim senhora, ela mesma.

CELESTE Por favor, minha senhora... o doutor não está?

MIMOSA Não senhor. Deve estar no consultório. Quer deixar algum recado?

CELESTE Não senhora, muito obrigada. Eu telefone... (CORTA E TOM) Ou por outra... Não seria muito impertinência pedir-lhe que a senhora mesma ~~chamasse~~ telefone para ele, dizendo-lhe que venha imediatamente à casa do seu Haroldo?

MIMOSA Absolutamente. Não me custa nada fazer isto.

CELESTE É que eu tenho tantas coisas para fazer... estou tão atrapalhada.. A senhora desculpe, sim?

MIMOSA Ora, minha senhora, não se preocupe por causa disto. Vou ligar imediatamente para o consultório.

CELESTE Será um grande favor que muito lhe agradeço.

MIMOSA Não tem nada que agradecer. Passe, bem.

CELESTE PASSE bem, minha senhora. Obrigada.

C|REGRA RUIDO DE DESLIGAR TELEFONE/TEERRR NOVAMENTE O FONE DO GANCHO E DISCAR QUATRO VEZES.

OPERADOR. CONTINUA MUSICAL DRAMÁTICA

CELESTE Mandou passar o telegrama?

REBECA Sim. O jardineiro já foi passa-lo.

CELESTE Mas afinal, o que se passou durante a noite para que acontecesse tudo isto?

REBECA Nada. Juro-lhe que nada. Logo que o doutor Alexandre saiu, dei-lhe a primeira injeção, conforme ele mandou que desse. Duas horas depois comecei a não dormir, dei-lhe a segunda ampola. Pode ver. Aqui estão elas vazias.

CELESTE Sim, estou vendo.

REBECA Com a segunda, poucos momentos depois ele dormia profundamente. Deitei-me também que já não podia mais de cansaço... hoje... acordei muito mais tarde que de costume. Ele não se mexia e eu, na penumbra do quarto, não pude me aperceber da sua fisionomia alterada e acreditei que ainda estivesse dormindo. Comecei a arrumar-me calmamente e sem fazer ruído com o cuidado de não acordá-lo.

CELESTE Compreende.

REBECA Uma hora depois, entretanto, comecei a achar que ia ficar muito tarde para dar-lhe o primeiro alimento e tratei de correr as cortinas das janelas, acreditando que a luz fosse despertá-lo. Como tal não aconteceu e já passavam das dez horas, resolvi aproximar-me para chamá-lo. Foi então que percebi que algo de anormal estava acontecendo e gritei logo por socorro!

CELESTE Mas... e as drageas que havia neste vidro? As drageas que ele costumava tomar para dormir? lembro-me perfeitamente de, ainda ontem, ter perguntado ao doutor se precisava mandar buscá-las na farmácia e o doutor me disse não ser preciso porque ainda haviam várias no vidro...

REBECA Sim... realmente. Ontem haviam ainda umas seis ou oito...

CELESTE E onde estão elas? Que fim poderiam ter levado?

REBECA Não sei. Juro-lhe que não peguei mais nesse vidro...

CELESTE Bem, aguardemos a chegada do doutor. Pode ser que, por precaução, ele as tivesse levado. Bem... eu vou dar uma chagada no quarto de dona Iris para ver como ela está!

C/REGRA PASSOS DE MULHER QUE SE AFASTAM, RAPIDOS. PORTA QUE A BREVE FECHA

REBECA (SOSINHA) Que horror, meu Deus!... Como pode ter acontecido tudo isto sem que eu me apercebesse? Mas não, eu não posso crer que ele as tenha tomado. Naturalmente o doutor levou-as. Mas ele está demorando tanto! Já devia estar aqui. Já devia! Eu não posso continuar nesta dúvida. Não posso! Vou telefonar para a casa dele.

OPERADOR CORTINA MUSICAL DRAMÁTICA

IRIS Ele está morto!

CELESTE Dona Iris, atenda-me. Tome um pouquinho deste calmante, vamos.

IRIS Ele está morto!

CELESTE Ja sei, ja sabemos todos que ele está morto, mas atenda-me por favor!

IRIS Ele está morto!

CELESTE Olhe aqui. A senhora tem que beber o que está neste copo, vamos.

IRIS Ele está morto.

CELESTE Se não quer segura-lo eu mesma o segurarei, mas pelo ~~xxxx~~ menos beba.

IRIS Ele está morto!

CELESTE Qual! Não ha meios. Ela não atende! (COMO QUE A SACUDINDO COM FORÇA) Dona Iris! Atenda, creatura!

IRIS Ele está morto! (PAUSA) Ele está morto! (PAUSA) Ele está morto!

CELESTE E, não ha outro recurso sinão esperar que chegue o doutor Alexandre!

OPERADOR CORTINA MUSICAL DRAMATICA

REBECA E a dona Mimosa que está falando aí?

MIMOSA (AFASTADA NO FONE) Sim, quem fala aí?

REBECA E Rebeca quem fala aqui, dona Mimosa? Estamos aflitas pela chegada do doutor Alexandre? Ele ainda não veio para cá?

MIMOSA Ja telefonei para o consultorio e falei com ele mesmo. Deve estar a caminho. Não pede tardar.

REBECA Está bem, dona Mimosa, ~~me~~ obrigada. Desculpe, sim?

MIMOSA Ora, minha filha, desculpe o que? Coisa que precisarem podem telefonar sem constrangimento. A gente está aqui para isto.

REBECA Obrigada. Passe bem.

C|REGRA RUIDO DE DESLIGAR TELEFONE.

REBECA Ela diz que ele ja ~~se foi~~ para cá e não pede...

C|REGRA CIGARRA DE PORTA AFASTADA

REBECA Ora até que enfim! Deve ser ele!

OPERADOR CORTINA MUSICAL DRAMATICA

ALEXANDRE Francamente, eu... eu não posso imaginar como isso aconteceu... ele... ele estava bem ontem... com os nervos um pouco alterados, é verdade... mas o estado geral, em principio, era muito bom.

CELESTE Escute, doutor, eu queria lhe fazer uma pergunta, cuja resposta vai fortalecer eu dissipar uma desconfiança que eu tenho.

ALEXANDRE ~~Por favor~~ Pois não. Faça a pergunta, Celeste.

CELESTE O senhor, por acaso, retirou aqui deste vidro as drageas que ainda restavam?

ALEXANDRE Não. Para que?

CELESTE Mas havia algumas aqui ainda ontem a noite. Não havia?

ALEXANDRE Sim, havia. Disse eu tenho certeza absoluta, porque quando, á tarde, disse a Rebeca que lhe desse mais um quarto de drageas, casualmente olhei para o vidro e posso garantir que á pelo menos umas 6 ainda existiam.

CELESTE Pois he, essas drageas desapareceram como que por encanto.

ALEXANDRE E voce desconfia... (DEIXA EM SUSPENSE)
CELESTE Que ele as tivesse, tomado.
ALEXANDRE Mas não é possível. Rebeca... não esteve com ele todo o tempo aqui no quarto?
REBECA Estive doutor. Só me afastei um momento quando o senhor saiu mas não demorei mais de dez ~~minutos~~ ou quinze minutos.
CELESTE Tempo mais do que suficiente para uma pessoa tomar até doze ou quinze drágeas.
ALEXANDRE Da forma como Rebeca me contou que tudo foi feito... não havia nenhuma razão para acontecer o que aconteceu.
CELESTE Mas admitindo que ele tivesse tomado as drágeas antes das injeções ou entre uma e outra... não seria possível a morte pelo excesso do analgésico?
ALEXANDRE Possível, diz voce? Seria certa. Só as seis drageas que fossem, já não permitiriam a ninguém acordar mais.
CELESTE Pois, então... para mim... a explicação é essa.
ALEXANDRE Bem, não nos adianta mais nada conjecturar. Vou ao gabinete passar o atestado de óbito e depois quero ver dona Iris e apresentar-lhe os meus pêsames.
CELESTE Ela está no quarto, doutor. Aliás eu queria mesmo pedir-lhe que fosse vê-la porque o seu abalo de nervos foi tremendo. Ela nem atina com o que se lhe diz.
ALEXANDRE Nesse caso vou primeiro vê-la e depois passarei o atestado.
C|REGRA PASSOS DE HOMEM QUE SE AFASTAM/PORTA QUE ABRE E FECHA
CELESTE (DEPOIS DE PAUSA) Voce ouviu bem o que disse o doutor? Ele não levou as drágeas e a quantidade existente no vidro era mais que suficiente para magar uma pessoa.
REBECA Ouvi, sim, mas... o que é que a senhora pretende insinuar? Pretende por acaso acusar-me de... (DEIXA EM SUSPENSE)
CELESTE ...de negligencia. Porque era voce a sua enfermeira. Estava aqui para cuida-lo. E se não o fez convenientemente... a culpada da sua morte é voce.
REBECA Não!...
CELESTE Voce, sim.
REBECA (MAIS FORTE) Não!...
CELESTE Posso até dizer mais...
REBECA (MAIS FORTE AINDA) Não!... (GRITANDO) Não!...
CELESTE Foi voce que o matou!...
OPERADOR CARACTERISTICA FORTE PARA FINAL DO CAPITULO

ANOITECEU...DESCANSA CORAÇÃO

Novela de: ERICO CRAWER

13º CAPITULO

REVISÃO:

27.10.

2011

CONTROLE - CARACTERISTICA MUSICAL FORTE

Locutor - Esta característica assinala o início de mais um capítulo da emocionante novela de Érico Cramer...

CONTROLE - SOBRE A CARACTERISTICA POR UNS MOMENTOS

Locutor - Anoiteceu. Descansa coração !

CONTROLE - CARACTERISTICA MAIS ALGUNS MOMENTOS.

Locutor - Ao final do décimo segundo capítulo, o último que ouvimos, deixamos Celeste e Rebeca dentro do quarto de seu Haroldo, depois que o doutor Alexandre se retirara para o gabinete, a fim de passar o atestado de óbito para o seu cliente. E interrompemos, justamente, quando Celeste dizia...

CELESTE - (Severa) Você foi a culpada da morte dele.

REBECA - (Rápida, pavor) Não !

CELESTE - Foi a culpada, sim, porque você era a sua enfermeira e estava aqui para cuidá-lo. Se não o fez convenientemente e culpa é somente sua.

REBECA - (Crescendo) Não !

CELESTE - Posso até dizer mais...

REBECA - (CRESCENDO SEMPRE) Não ! Não !...

CELESTE - Foi você que o matou !

REBECA - (Desesperada, gritando e chorando) Não fui eu ! Não fui eu ! Eu não matei ninguém. Não matei. É mentira.

CELESTE - (Forte) Cale-se, creatura! Não grite dessa maneira! Não compreende que dona Iris poderá ouvi-la e será muito pior para você ?

REBECA - (Intimidando-se e chorando baixinho) Não fui eu! Eu não matei seu Haroldo. Não matei! Não me acuse de um crime que eu não cometi. Não me acuse. Eu não resistiria a uma acusação dessa natureza. Sei que não resistiria...

CELESTE - Não estou pretendendo acusá-la, não seja tola. Estou dizendo o que penso a você mesma mas não pretendo repetir o que disse a ninguém mais. Se dissesse... você até correria o risco de ser presa...

REBECA - (Desespero, chorando sempre baixo) Não, não!... Eu não quero ser presa! Eu não quero ser presa! Tenha pena de mim que sou tão infeliz !

CELESTE - Acalme-se, creatura. Já lhe disse que não repetirei a ninguém minha suspeita. E farei mais até: se você me prometer obediência, arranjaréi com dona Iris de você continuar a serviço dela.

REBECA - Sim, sim... Eu lhe prometo tudo... tudo... desde que a senhora me poupe desse horror de ser presa.

CELESTE - Muito bem. Estamos entendidas. Vá tomar um pouco de calmante e um cafezinho para levantar as suas forças que vamos ter muito o que fazer durante todo o dia.

CONTROLE - CORTINA MUSICAL DRAMATICA

ALEXANDRE - Iris, eu... eu nem sei o que dizer a você... eu... quero apenas que você saiba que estou aqui a seu lado... disposto a ampará-la neste momento terrível... (Tom) Iris... Iris... atende-me, por favor... Não fique assim que você me aflige... Você está me ouvindo?

IRIS - (Tom fraco e vago) Quem... quem é?...

ALEXANDRE - Sou eu, Iris, Alexandre. Você... VOCÊ está olhando para mim e não me reconhece? Sou o médico que tratou seu marido...

IRIS - (Idem) Ele... ele morreu...

ALEXANDRE - Sim, ele morreu, mas você não deve se entregar dessa forma ao desânimo... Afinal, ele... ele descansou de todos os seus padecimentos. Você precisa encarar a sua morte como... como uma libertação. Não é a vida, estar daquela maneira em cima de uma cama... sem poder mover-se... dependendo sempre dos outros e... sofrendo, muito justamente a tortura dessa dependência...

IRIS - (Idem) Quem... quem foi que o matou?

ALEXANDRE - (Rápido... tom de susto) Como? O que foi que você disse? Quem foi que o matou? Ninguém, Iris. Ninguém o matou. Foi ele mesmo. Ele que ingeriu, de uma só vez, todas as drágeas do remédio para a insônia. Naturalmente, se procedeu assim... foi porque estava cansado de viver e desejou a morte... sim, porque... ele sabia que não deveria tomar mais que uma drágea por noite.

IRIS - (Idem) Não... não... (mais forte e já mais decidida) Não é verdade.

ALEXANDRE - (Susto) Como?!... O que é que você está dizendo?

IRIS - (Animando-se e crescendo aos poucos) Não é verdade... ele não morreu. Quizeram matá-lo mas... mas ele não morreu. Ele está bom... está forte... está andando outra vez... Está andando, sim...

CONTRA REGRA - PASSOS LENTOS, APASTADOS.

IRIS - Ouga... (Pausa) Está ouvindo? São os passos dele no corredor... Ele vem para cá... Ven falar comigo... Ven acusar-me da sua morte... mas Deus sabe que não fui eu... Deus sabe... que eu fui tão covarde... que não tive forças... nem para fazê-la...

ALEXANDRE - Iris, acalme-se. Você está dizendo coisas que não tem nenhuma razão de ser.

CONTRA REGRA - OS PASSOS, AOS POUCOS SE APROXIMAM.

IRIS - Ele... ele está se aproximando... se aproximando da porta... e agora... está passando através da porta, sem abri-la... Meu Deus!... Como pode ser isto?!... (Exaltando-se) Não fui eu, Haroldo! Não fui eu! Não me olhe dessa forma!... Juro-lhe que não fui eu! Deus sabe que não fui! Não fui!

ALEXANDRE - (Forte) Iris! Vamos reaja! Você está completamente alucinada! Não está ninguém junto de você a não ser eu. E eu estou aqui para ampará-la... para ajuda-la... e não para lhe pedir contas...

IRIS - (Alucinada) Desvie de mim esses olhos, Haroldo! Juro-lhe que não fui eu!... Você não compreende que está me martirizando injustamente?!... Que está imaginando coisas que eu não fiz?! Que nunca seria capaz de fazer, porque sou uma mulher sem vontade... uma mulher sem coragem... uma criatura fraca... vencida... submissa?!... (Chora)

CONTRA REGRA - BATIDAS DISCRETAS NA PORTA.

ALEXANDRE - (Profetando) Entre !

CONTRA REGRA - PORTA QUE SE ABRE

ALEXANDRE - Ah, Celeste, foi bom que você, veio. Ela está completamente fóra de si. Prepare imediatamente uma injeção calmante.

CELESTE - (Um pouco afastada) Sim, doutor. Era justamente o que eu vinha perguntar se o senhor não desejava fazer.

ALEXANDRE - Não demore, Celeste. Ela precisa dormir imediatamente para que possamos tomar todas as demais providências.

CELESTE - Pois não, doutor. É um instante só.

CONTROLE - RÁPIDA CORTINA MUSICAL

SIMÃO - Meu filha!... Velha Simon já estava assustado deste demorra tom grande! Toda a dia nom sparreceu no casa da papai!... A papai já estava trocando o roupa parra ir lá sabér o que estava acontecendo. (Pausa) Que carra tom sombria, meu filha! Que fui ?

REBECA - (Impaciente e nervosa) Nada, velho. Eu estou cansada. Não me amola, por favor. Eu não estou nada para conversas hoje. Já vou avisando.

SIMÃO - Meu filha está nervosa, Coitadinha trrabalhei muito, com certeza. No fui ?

REBECA - Não sei, velho. Não me pergunta nada, por favor. Eu quero descansar.

SIMÃO - A papai vai trazer um comidinha bom parra ela. Quer ?

REBECA - Não quero nada, velho. Não incomoda.

SIMÃO - A papai fica triste do filha do ela chegar no casa deste manêrra.

Quasi dois dias sem ver Rebeca e ela nem quer falar. Vamos, meu filha... fica contente outra vez. Pensa no casamento... no fortuna que ela vai ganhar...

REBECA - Que casamento, nem casamento... Não tem mais casamento coisa nenhuma!

SIMÃO - Ah?! que foi que meu filha dis?! Nem tem mais casamento?!... X

REBECA - Não, velho, não tem.

SIMÃO - (Aterrado) Por quê?

REBECA - Porque seu Haroldo morreu e eu não vou casar com defunto.

SIMÃO - (Chama) No... morreu, seu Haroldo?!...

REBECA - Morreu, velho. Já não ouviu o que eu disse? Morreu esta madrugada, inesperadamente. Já está até enterrado.

SIMÃO - Deus nhít!... Que tragédia!... Que infelicidade!...

REBECA - Pois é, e lá se foram todos os nossos projetos de riqueza. Toda a nossa esperança de nos libertarmos desta miséria horrerosa em que vivemos! Teremos que continuar a morar neste pardiouro medonho, cheirando a merc. Terei que continuar a trabalhar e a sofrer para não morrer de fome e tu terás que continuar a enfrentar o sol e a chuva, vendendo as tuas gravatas!

SIMÃO - (Depois de pausa) Seu Haroldo morreu!... Que judiarria!... Por que ele não esperrei mais umas dias!...

REBECA - Deus quis nos castigar do crime horreroso que estavamos planejando. Estou certa que foi isto. Um castigo, sim. Foi castigo! E o pior de tudo é que ainda recai sobre mim a culpa de sua morte!

SIMÃO - Querrem dizér que meu filha matei seu Haroldo? E meu filha vai responder um prrisom por cause de isto?

REBECA - Não irei para a prisão mas ficarei prrisoneira de um remorso que tal vez nunca me abandone.

SIMÃO - Remorso por que, meu filha? Se Rebeca nem matei ele, que remorso pode ter?

REBECA - O remorso de ter planejado a morte dela para apostar-me da sua fortuna.

SIMÃO - Mas ela nem morreu, meu filha!

REBECA - Mas morreria, si Deus não tivesse eliminado o meu cúmplice. Foi castigo, sim. Foi castigo para mostrar que estava errado o que eu ia fazer. E eu não precisava estar sofrendo esta tortura se tu tivesses me aconselhado de outra maneira. Tu, velho, tu é que tiveste a maior culpa de tudo o que aconteceu.

SIMÃO - Eu, meu filha? Pobrrre de mim, por que?

REBECA - Não te faças de inocente. Lembra-te dos conselhos que me deste. E não faz tanto tempo assim para que possas ter esquecido. Tu me aconselhaste a mentir para que seu Haroldo cumprisse a sua ameaça de matá-la.

SIMÃO Foi parra a tua bem, meu filha! Parra o teu felicidade! Só pagarra o teu felicidade que velha Simon pensei neste coisa, meu filha !

REBECA - (Escárneo) Para a minha felicidade! (Risinho irónico) Para a minha felicidade! (Rancor sempre crescente no que vai dizer) Foi somente pela tua ambição que fechaste os olhos a tudo mais.

SIMÃO - Meu filha !

REBECA - Sómente pela fascinação do dinheiro e pela ância de possuí-lo a qualquer preço !

SIMÃO - Meu filha !

REBECA - Pelo sangue envenenado de cobiça que corre em tuas veias, não hesitaste em jogar tua filha para o caminho do crime, pensando apenas nas vantagens materiais que poderias conquistar, velho indecente!

SIMÃO - Oh!...

REBECA - És um velho sórdido, ambicioso, mau... Sob a capa dessa humildade e dessa ternura, escondes uma alma podre, uma alma vil, uma alma que não titubeia em jogar outra alma nas chamas do inferno, por um punhado de ouro !

SIMÃO - Gét nhíú !...

REBECA - Cala-te. Não mistures o nome de Deus nessa baba viscosa! Velho rasteiro... falso e abjeto. Vergonha da tua raça !...

SIMÃO - Rebeca!...

REBECA - Mas o teu castigo ha de ser rastejar a vida toda! Não poder fugir nunca da miseria. Andar pelas ruas, miseravel e imundo, vendendo as tuas gravatas!... (gargalhadas nervosas que vão num crescendo cada vez mais assustador)

SIMÃO - (depois de pausa) Gét nhíú !... Gét nhíú!... Meu filha fiquei malucado !...

CONTROLE - CARACTERISTICA MUSICAL FORTE

LOJUTOR - P U B L I C I D A D E

CONTROLE - CARACTERISTICA NOVAMENTE.

CELESTE - Um telegrama de São Paulo, dona Iris.

IRIS - (desânimo) Sim...

CONTRA REGRA - RUIDO DE ABRIR TELEGRAMA

CELESTE - (depois de pausa) É de sua filha ?

IRIS - Sim...

CELESTE - Óra graças a Deus que vem alguma coisa de lá! Eu já estava começando

a me preocupar com o seu silencio. Afinal... já faz três dias que tudo aconteceu... Mandamos-lhe aviso imediatamente e até agora ela ainda não havia se manifestado... Eu já estava começando a não compreender uma tão grande demora.

IRIS - Embarcou ontem pelo noturno. Deve chegar amanhã.

CELESTE - Ah, ela vem? Temos, então, que preparar-lhe o quarto.

IRIS - Sim. Ela ficará aqui mesmo, que foi sempre isto e seu quarto e eu não desejo mudá-la.

CELESTE - E a senhora? Ficará com ela?

IRIS - Não Celeste. Você mandará preparar-me o quarto de hóspedes. Na sala de estudos será preciso mandar botar uma cama e um roupão para Dona Assunta.

CELESTE - Dona Assunta? A dama de companhia?

IRIS - Sim.

CELESTE - Ela vem com dona Encê?

IRIS - Vem. Talvez apenas trazê-la, para regressar logo. Não sei... Mas de qualquer forma teremos que preparar-lhe um quarto.

CELESTE - Está claro. Bem, vou começar a providenciar tudo imediatamente para que os quartos já fiquem prontos esta noite. Com licença.

CONTROLE - MORTINA MUSICAL, FONDE COM TEM EM MOVIMENTO. A PRINCÍPIO FORTE E HEROIS EM L/G PARA TODA A CENA.

ENCÊ - Oh, meu Deus, que viagem mais demorada e o aborrecida! Três dias inteiros dentro de um trem, natural! E tudo porque vou ter a absurda mania de não querer que se viaje de avião! Esses velhos, com as suas manias, atrapalham e complicam muito a vida da gente, arre! O que eu podia fazer em três horas, sou obrigada a fazer em três dias! Também... o que vale é que dois já estão passados e amanhã já estarei chegando.

CONTRA REGRA - BATIDAS DISCRETAS NA PORTA

ENCÊ - (Espantada) É você, Assunta?

ASSUNTA - (Afastada) Sim, sou eu. Está pronto, menina?

ENCÊ - (Espantada) Quasi. De momento que eu já abro a porta para você. Você encomendou o jantar no carro restaurante?

ASSUNTA - (Afastada) Sim, sim, já está tudo providenciado. Não me fez gosto o café da manhã e mandei preparar uma macarronada para nós.

CONTRA REGRA - RUÍDO DE TRINCO QUE ABRE E A SEGUIR PORTA, E LOGO FECHA.

ENCÊ - Pronto, pode entrar.

- ASSUNTA - Mas menina! Você trocou o vestido preto por um de côr?!... Lembre-se que faz só tres dias que seu pai morreu. Não fica bem.
- ENOË - Eu não suposto o preto, Assunta, você sabe. Botei-o para que Válvô não prolongasse mais as suas arengas.
- ASSUNTA - Mas e sua mãe, amanhã, vem-a chegar sem luto, e que dirá?
- ENOË - Não dirá nada porque para desembarcar eu botarei o preto outra vez.
- ASSUNTA - Você sempre com os seus caprichos e as suas extravagâncias, menina. Não acho direito você ter posto luto ontem, tirá-lo hoje e tornar a pô-lo amanhã. Ou se bota pelo tempo ~~que~~ que tem que ser eu não se bota nunca.
- ENOË - Por mim você sabe que eu não teria posto. Detesto o luto. Não acho significação nenhuma num vestido preto, quando, por dentro, se está completamente indiferente à desapareição da creatura.
- ASSUNTA - Menina, por Deus! Não fale assim. Lembre-se que a creatura desaparecida éra seu pai.
- ENOË - Ora, meu pai! E o que adiantava isso se ele não me queria bem? Se implicou comigo a ponto de eu ter que mudar-me para São Paulo? Eu toleraria e admitiria luto por uma pessoa a quem eu quizesse realmente bem.
- ASSUNTA - Neste caso... você só botaria luto por você mesma.
- ENOË - O que é isto, Assunta? Também não é tanto assim. Você quer dizer que eu só gosto de mim e de mais ninguém?
- ASSUNTA - Pelo que eu tenho podido observar...
- ENOË - Não nego que gosto de mim e mais de mim do que de qualquer outra pessoa, mas isso não quer dizer que eu não possa gostar de outra pessoa.
- ASSUNTA - Sim, poderá, eu sei, mas gostará sempre mais de você mesma.
- ENOË - Em resumo, o que você está querendo insinuar é que eu sou uma grande egoista, não é isso?
- ASSUNTA - Egoista não digo. Cabe melhor, em você, uma outra expressão: calculista. Você calcula as doses de emoção que deve experimentar e não permite que elas excedam da medida que estipulou.
- ENOË - Bem... já isto é verdade. E sabe o que me admira, Assunta? O quanto você é observadora. Como pôde, afinal, em tão poucos anos, conhecer tanto o meu intimo?
- ASSUNTA - Você deixa as janelas da alma sempre abertas. É fácil espiar para dentro.
- ENOË - Não é tanto assim. Quando quero dissimular... ninguém me leva a palma. É que de você, nunca precisei esconder aquilo que realmente

sinto. Já para vóvó, por ser mais impressionável e menos tolerante e compreensiva, sempre ocultei os meus verdadeiros sentimentos e ela nunca os devassou. E vóvó não é tola nem excessivamente crédula, lógico... não é qualquer pessoa que pode espiar para dentro das janelas de minh'alma. Espiam aquelas que eu consinto e que tenho a certeza de que não vão se escandalizar daquilo que veem lá dentro ?

ASSUNTA - Olhe, menina, ouça bem o que lhe diz uma mulher velha e que tem bastante experiencia da vida: as criaturas que, como você, conseguem doar as emoções, não se deixando dominar por elas, chegam, quasi sempre, a alcançar, na vida, uma posição invejavel no mundo das coisas materiais, mas... no que diz respeito ao coração, são eternamente umas insatisfeitas. Pode-se comparar a um pé de flor crivado de botões e que, depois de abertos os primeiros, arranca-se da terra para que os demais não floream. Não chegam nunca a sentir, no seu apogeu, o perfume e a beleza da vida.

ENCÊ - E de que serve, Assunta, deixar-se florecer todos os botões de uma roseira, para sentir-se melhor o perfume e a beleza da vida, se para isso devamos regá-la com lágrimas ?

ASSUNTA - Mas sem que se tenha sofrido, nunca se pode dar o verdadeiro valor aos instantes felizes. As lágrimas são como a pitadinha de sal que se adiciona a certos doces, para que eles fiquem mais gostosos.

ENCÊ - Não, não, nada disto. Estou satisfeita com a minha maneira de ser e não pretendo mudá-la. Deixe-me assim como sou.

UMA VOZ - (Vem de longe, passa não muito perto e afasta novamente) Jantar! Vai ser servida a primeira mesa. Primeira mesa jantar! Olhe o jantar para a primeira mesa. Vai ser servido o jantar aos passageiros da primeira mesa. Atenção, o jantar para a primeira mesa...

ASSUNTA - Vamos, vamos... Acabe duma vez de pentear esses cabelos e vamos ao jantar que eu estou louca de fome.

CONTROLE - SOBRE POR MOMENTOS O TREN EM MOVIMENTO E FUNDE COM CORTINA MUSICAL

ENCÊ - Mãe já está ciente da minha chegada ?

CELESTE - Sim, dona Encê. Ela está à sua espera no quarto de hóspedes.

ENCÊ - Então irei vê-la imediatamente.

CELESTE - Quer esperar um momentinho eu a acompanho até lá. Vou apenas desligar o chauffeur e mandar recolher a bagagem.

ASSUNTA - Não se preocupe. Pode deixar isto por minha conta que eu tratarei de tudo. Acompanhe a menina ao quarto da sua mãe que ela deve estar ansiosa por abraçá-la.

CELESTE - Sim senhora. Obrigada, então Venha comigo, dona Encê.

CONTROLE - CONTINUA MUSICAL

- ENOË - Não, não, mamãe, nada disto. Você não vai ficar assim nesse desânimo porque eu não admito. Então eu chego de São Paulo, depois de uma ausência tão grande, estou aqui no quarto com você há mais de uma hora e você nem sequer conversou comigo? Não fez outra coisa senão chorar?
- IRIS - É a única coisa que posso fazer, minha filha.
- ENOË - Não senhora. É a única coisa que não deve fazer. (Tem) Escute, mãe, nós agora estamos sósinhas, podemos falar com franqueza uma à outra: Por que motivo a você chora tanto? (Pausa) Por que papai morreu? Mas diante do seu mal, que era incurável, você não considera a morte dele uma libertação? (Pausa) Pois então? Não se justifica mesmo esse desespero todo e esse chorar sem tréguas. Você até parece que está sofrendo o remorso de alguma falta!
- IRIS - (desanda numa avalanche de soluços, como se lhe tivessem tocado no ponto sensível) Minha filha!...
- ENOË - Mamãe! O que é isso?!... Será que, sem querer, eu fui tocar numa ferida que lhe dilacerou?!... (Pausa) Vamos, mamãe, não chore assim. Fale. Desabafe o que lhe oprime o coração e verá com há de sentir-se melhor. (Pausa) A senhora sente remorso de alguma falta?
- IRIS - Sim, minha filha... sim!... Um remorso horrível que me atormenta!...
- ENOË - Óra vamos... que falta tão grande você poderá ter cometido para estar nesse desespero tal? Não creio. Você é que está exagerando as coisas.
- IRIS - Não estou, não, minha filha. Antes estivesse. A minha falta foi a realmente uma falta imperdoável. Si eu pudesse apagá-la da minha lembrança!...
- ENOË - Vai apagá-la, sim. Tem que apagá-la. Seja que falta for, você terá que esquecer-la e eu estou aqui para lhe ajudar. Vamos a saber... você o traiu?
- IRIS - (Tem solta) Não, não, minha filha! Isso eu não fiz.
- ENOË - Deixou de querê-lo?
- IRIS - (Chorando) Sim... foi isso. Deixei de querê-lo... quando ele talvez mais precisasse de mim aqui!...
- ENOË - Óra, mamãe, francamente!... A senhora nem parece uma mulher inteligente! Afinal... que culpa temos nós de querer ou deixar de querer a alguém que culpa temos nós de que o nosso coração seja rebelde e se

J. M.

obstine em não atender ao comando da razão? E depois... se você deixou de querê-lo... deve ter tido as suas razões como eu também tive. Pelo que ambas sofremos ao tempo em que estive aqui, calcule bem o que, depois, terá sofrido sózinha. Era natural que isso acontecesse. Você não deixou de amá-lo por você mesma. Foi ele que matou o amor no seu coração... da mesma forma que matou no meu.

IRIS
ENOCÉ

- Você... você acha isto sinceramente, minha filha ?
- Mas claro ! E qualquer um que saiba os horrores todos que a senhora passou não poderá deixar de dar-lhe inteira razão.

IRIS

- Ah, minha filha! Como me faz bem ouvir-lhe falar assim!... Eu me considerava tão culpada! Tão culpada!...

ENOCÉ

- Nada disto. Você não tem culpa nenhuma e vai tirar essa ideia da cabeça. E vai também começar a sair de dentro deste quarto... fazer as refeições na mesa comigo... dar uma volta todas.

CONTRA REGRA - PORTA QUE SE ABRE, AFSATADA.

ALEXANDRE - (afastando) Oh, desculpe... eu não sabia que tinha visitas...

IRIS

- Não tem importância, doutor... pôde entrar...

ALEXANDRE - (Mais atrapalhado) Não, não, eu voltarei depois... com licença.

IRIS

- E minha fi...

CONTRA REGRA - PORTA QUE SE FECHA APRESSADAMENTE CONTANDO A FRESE ANTERIOR

ENOCÉ - Quem é esse cavalheiro tão afobado, mamãe ?

IRIS - É o médico que tratou seu pai no último período da sua enfermidade.

ENOCÉ - Deve ser muito assustado ou muito tímido. Viu tão atrapalhado quando me viu... Nem esperou que você nos apresentasse... (Tom) Mamãe, chamá-lo, mamãe. Mamãe chamá-lo.

IRIS - Para que, minha filha ?

ENOCÉ - Para que, Eu quero que você me apresente a ele.

IRIS - E... e por que, minha filha ?

ENOCÉ - Porque achou-o um amor de simpático.

IRIS - (Papa si nonna) Meu Deus !...

CONTROLE - CARACTERÍSTICA MUSICAL FORTE PARA FINAL DO CAPITULO

FIN DO 13º CAPITULO

Marinho

REVISÃO:
27.10.2011

CONTROLE SOBE A CARACTERÍSTICA E VOLTA A RÔ

LOCUTOR Ao final do décimo quarto capítulo desta novela, Iris Berlinck e sua filha Enô conversavam sobre a possibilidade da segunda vir a gostar do doutor Alexandre. E enquanto a mãe, num receio profundo de que a filha pudesse vir a disputar-lhe o homem que amava, procurava sondar-lhe as suas verdadeiras intenções. Enô, longe de imaginar os verdadeiros motivos daquele angustiado interrogatório, respondia-lhe...

ENOË Ouça, mamãe: ainda mesmo que eu soubesse que o homem a quem eu amasse verdadeiramente já houvesse dado a outra o meu coração e que essa outra fosse a minha amiga mais íntima, ainda assim, creia, eu faria tudo para disputá-lo.

IRIS Minha filha!

ENOË E sabe por que? Porque penso que se tratando da nossa felicidade devemos lutar sempre e até mesmo contra a pessoa que nos seja mais cara.

IRIS (MEIO TOM) Que horror!

ENOË (MUDANDO) Bem, mas agora vamos terminar o nosso assunto que a senhora precisa descansar. (BEIJO) Durma bem, mamãe. Boa noite.

IRIS (COM ESFORÇO) Boa noite, minha filha. Obrigada.

C/REGRA (PASSOS QUE SE AFASTAM/PORTELA QUE ABRE E FECHA)

IRIS (DEPOIS DE PAUSA/PENSANDO NA SUA VOZ) Ela não cederá e fará tudo para roubá-lo de mim! E eu? Que farei sem ele? Que farei, meu Deus? ... Renunciar? Sufocar, nas lágrimas, o meu anseio de felicidade? Não! Eu devo lutar. (LÁGRIMAS NA VOZ) E ainda mesmo que seja vencida... hei de lutar até o fim!...

C/REGRA (BATIDAS DISCRETAS NA PORTA)

IRIS (PROJETANDO) Entre.

C/REGRA (PORTA QUE SE ABRE E FECHA)

CELESTE Estava à espera de que sua filha saísse para vir saber se ainda precisa de alguma coisa antes que me vá deitar.

IRIS Não, Celeste, obrigada. Não quero mais nada. Sei que vou ter uma noite inteira de insônia mas estou disposta a enfrentá-la sem lançar mão de narcóticos. Preciso pensar... pensar muito... e talvez toda uma noite não seja suficiente para que eu considere e delibere sobre uma situação tão delicada como é a minha neste momento.

CELESTE Perdõe a indiscrição, dona Iris, mas... dona Enô revelou algum interesse pelo doutor Alexandre?

IRIS Desgraçadamente sim, Celeste. E disse mais: que está disposta a lutar com quem quer que seja, desde que venha a gostar d'ele verda-

deiramente.

CELESTE Aí está a razão porque ainda hoje eu lhe disse que a senhora deve se resolver a ficar noiva dele o quanto antes.

IRIS Não, Celeste, não pense nisto. Já lhe disse que antes de um ano nem sequer admitirei que se fale neste assunto. Preciso guardar as conveniências. Não posso de forma alguma proceder levianamente, como se fosse uma garota de dezesseis anos.

CELESTE Pois então não há outro remédio senão enfrentar as consequências de sua teimosia.

IRIS Pois é justamente o que estou disposta a fazer. Enfrentá-las.

CELESTE Ainda que não seja de acordo com a sua resolução... mesmo assim vou contar comigo para auxiliá-la.

IRIS Obrigada, Celeste. Eu sei que posso contar com você.

CELESTE Vou pensar também toda esta noite e amanhã talvez possa oferecer-lhe uma outra sugestão sobre o assunto. Boa noite, dona Iris.

IRIS Boa noite, Celeste.

CONTROLE CORTINA MUSICAL

ALEXANDRE Capa número quatro... é a senhora?

ENOE Sim, doutor.

ALEXANDRE Como?!... É a senhora?

ENOE Em mesma, mas por favor não diga senhora. Lembra-se que já me havia prometido tratar-me de outra forma.

ALEXANDRE Sim, mas... que tem você? Está doente?

ENOE Não. Vim saber se "você" está doente.

ALEXANDRE Por que?

ENOE Não nos apareceu ontem todo o dia...

ALEXANDRE Sim, realmente... eu... eu deveria ter ido, mas... foram tantos os casos urgentes que apareceram...

ENOE E por isso esqueceu-se de nós?

ALEXANDRE Bem... quer dizer... eu não as esqueci, absolutamente, mas...

ENOE Manhe lá ficou à sua espera. O dia todo e depois à noite.

ALEXANDRE Bem sei que deveria ter ido, mas... foram casos urgentes que surgiram inesperadamente, compreende? E sua mãe... não teria nenhum prejuízo em que eu deixasse de vê-la um dia.

ENOE Bem, ela realmente não teve nenhum prejuízo mas eu o tive.

ALEXANDRE Você?!

ENOE Eu, sim, que de tanto esperá-lo acabei doente dos nervos. E continuo doente, não sei se sabe!

ALEXANDRE Dar-lhe-ai um calmante que há de lhe fazer grande bem.

ENOE Antes quero que me examine do contrário não aceitarei o remédio.

ALEXANDRE Quer que o examine? Mas... Pois bem, diga antes que exame pretende.

ENOE Quero que me examine o coração. (ELA RI/DISCRETO) Não estou brincando, não. É sério. Se tivesse vindo aqui apenas para conversar

não me daria ao trabalho de tirar essa ficha na portaria, não lhe dá rece?

ALEXANDRE Bem, neste caso... sente-se aqui, por favor (MOVIMENTO)

ENOE Pois não. (MOVIMENTO) Pronta.

ALEXANDRE Deixe-me auscultá-la, primeiro..

ENOE Sim...

ALEXANDRE Respire profundamente. (ELA RESPIRA) Outra vez. (ELA RESPIRA) Respire algumas vezes seguidas para que eu possa observar melhor.

ENOE Hum... (ASPIRANDO) Que perfume delicioso o dos seus cabelos. E que lindas ondas... Estão me fazendo inveja!...

ALEXANDRE (PERTURBADO) Respire... respire algumas vezes seguidas, por favor.

ENOE E como são macios!... Dá gosto passar-se a mão por eles!...

ALEXANDRE Quer fazer o favor de respirar? Sei que a caceteio mas é necessário

ENOE Eu ficaria horas passando a mão assim sobre os seus cabelos. Sabe que é gostoso?

ALEXANDRE Afinal... sou eu que examino o seu coração ou é você que examina os meus cabelos?

ENOE ~~Examine~~ Incomodo-o?

ALEXANDRE Bem... não... não foi isso o que eu quis dizer, mas... se quer, realmente que examine o seu coração...

ENOE Não q ueria que o examinasse. Queris só que o auscultasse e você já o fez. Não encontrou nada?

ALEXANDRE O que queria que encontrasse se nem cheguei a auscultá-lo?

ENOE ^(Respirando muito rápido) Que horror, meu Deus!... Que péssimo estado tem você!... Então não percebeu logo que ele está completamente descontrolado? Ora para... ora se agita... como se andasse aos solavancos? E deve haver uma causa para esse descontrole, não lhe parece?

ALEXANDRE Com certeza.

ENOE E o que lhe parece que possa ser? Não imagina?

ALEXANDRE Excesso de imaginação.

ENOE Discordo inteiramente do seu diagnóstico.

ALEXANDRE O que acha que seja, então?

ENOE Fadiga de procurar fazer-se compreendido... sem obter resultado.

ALEXANDRE É realmente um mal muito aflitivo. Vou receitar-lhe umas gotas.

ENOE Somente uma poção em que haja algumas gotas de esperança poderá fazer-me algum bem. Desde já lhe adianto.

ALEXANDRE Mas como médico conciente não devo receitar-lhe tal droga. A esperança, neste caso, seria apenas um paliativo. E o paliativo não cura. Receitarei uma droga amarga, difícil de ingerir mas cujo efeito de cura é absolutamente certo.

ENOE E que droga será essa?

ALEXANDRE A renúncia.

ENOE Regeite. A renúncia é própria dos covardes e eu não sou covarde.

ALEXANDRE Engana-se. Só os realmente valorosos sabem renunciar. Para enfrentar

as torturas dilacerantes da renúncia, é preciso uma coragem suprema que os covardes jamais possuirão

ENOE Mesmo assim. Seja qual for o qualificativo que quiser dar a esse sentimento... coragem ou covardia... eu não o admitirei. Continuarei a lutar pela conquista de um bem que me empolgou e sem o qual eu presinto que não conseguirei encontrar nenhuma encanto na vida. Amo-o Alexandre. Amo-o e desejo só para mim o seu amor. E se você persistir em negar-me o calor do seu afeto, há de pesar-lhe sobre os ombros, no futuro, o negror do intenso remorso de se ter posto à margem da vida.

ALEXANDRE O que você pensa ser amor, Enoc, não é mais do que uma exaltação dos seus sentidos, muito própria, aliás, nas moças assim tão jovens, como você. Volte para casa, deixe serenar o seu espírito e procure pensar que eu sou um homem comprometido...

ENOE (CONTANDO) Não importa. Nada importa. Importa, apenas, o amor que sinto e que desejo ver correspondido.

ALEXANDRE E de que forma? Procurando obrigar-me a amá-la?

ENOE Não. Alexandre. Conquistando-o.

ALEXANDRE E se não lograr esse intento?

ENOE Não terei outro remédio senão resignar-me. Mas ceder sem lutar, isso nunca. Lutarei até o fim.

ALEXANDRE Está bem. Se lhe aprás... procure conquistar-me. Eu, no entanto, nada lhe posso prometer.

ENOE Não importa. Basta que não me repudie. O resto compete a mim.

CONTROLE CORTINA MUSICAL

CELESTE Entre. Eu preciso falar com você.

REBECA Pois não.

C/REGRA (PORTA QUE SE FECHA/PASSOS DE DUAS PESSOAS)

REBECA (DEPOIS DE PAUSA) Estou às suas ordens.

CELESTE Lembra-se do compromisso que assumiu comigo, pois não?

REBECA Sim.

CELESTE Pois bem... É chegado o momento de começar a obedecer-me.

REBECA Ordene.

CELESTE A partir deste momento, você está incumbida de espionar dona Enoc. Todos os seus passos devem ser vigiados e, principalmente, devem ser evitados ou interrompidos quaisquer encontros com ele o doutor Alexandre, está compreendendo?

REBECA Sim, quer dizer... estou compreendendo como devo agir mas não atino com a razão por que devo...

CELESTE (CONTANDO) A razão é simples. Ela está pretendendo conquistar o doutor Alexandre e dona Iris não vê com bons olhos esse casamento.

REBECA Não vê com bons olhos por que?

CELESTE Ora por que! Sei e tu lá?

REBECA Pois se a senhora não sabe eu o sei e posso dizer-lhe. Dona Iris está apaixonada pelo doutor Alexandre e não deseja perdê-lo.

CELESTE O que?! Você tem o atrevimento de referir-se dessa forma à sua pa-
trão? Proíbo-a de falar nesse tom, está entendendo?

REBECA É a verdade.

CELESTE Verdade eu admitira o que lhe digo outra vez é que não admitirei que
volte a tocar nesse assunto. E caso insista... Já sabe o que lhe es-
pera. Irá para o reformatório de mulheres criminosas...

REBECA (CORTANDO/EM DESESPERO) Não! Não! Perdoe-me! Eu não falarei mais
nesse assunto, prometo-lhe. Eu não quero ser presa! Eu não quero
ser presa!... Se o matei juro-lhe que não fiz de propósito! (RELEMBRANDO-
DO-SE) Eu não tinha nenhuma intenção em matá-lo. Nunca! Pelo con-
trário. Eu desejava até que ele vivesse!... Não fui eu! Não fui eu!
Juro...

CELESTE (CORTANDO/ÁSPERA) Cale-se, criatura! Deixe-se de espalhafatos que
só podem prejudicá-la. Conserve-se obediente aos meus desejos e na-
da lhe acontecerá.

REBECA Sim, sim... eu farei tudo que a senhora quiser... Farei, tudo, juro
lhe! Serei uma escrava da sua vontade mas ser presa... isso nunca!

CONTROLE CORTINA MUSICAL

LOCUTOR PUBLICIDADE

CONTROLE CORTINA MUSICAL

MIMOSA (APROXIMANDO-SE A FALAR) Ah, seu Simão, era o senhor? Desculpe a de-
mora, sim? Quando a menina foi me avisar que tinha uma preta dese-
jando falar-me, eu estava justamente virando uns biscoitinhos de
polvilho no forno e por isso demorei um pouco.

SIMÃO Não tem importância o demora. Mais que o senhorra ver, Velha Si-
mon queria muito falei com o senhorra.

MIMOSA Pois não, eu estou às suas ordens.

SIMÃO Queria falar para o senhorra falei com o doutor por causa do meu
filho.

MIMOSA Que tem a Rebeca? É por causa da saúde ou por causa do emprego?

SIMÃO Meu filha está tom nervosa, senhorra, tom nervosa!...

MIMOSA Mas neste caso por que o senhor não vai ao consultório e não fala
diretamente com o meu filho? Ele está lá agora.

SIMÃO Na consultório a enfermeira manda tirar o fiche e a velha Si-
mon nem tem dinheiro, senhorra. Rebeca nem quer fazer mais gravata-
tes para a pai de ela e ele nem pode comprar gravatas feitas
fora. O senhorra podia fazer esta favorzinho para a pobrevelha
que está quasi uma morto.

MIMOSA Está bem, seu Simão, o senhor diga então o que deseja.

SIMÃO Queria que o doutor fosse no meu casa no hora que o meu filha che-
guei para examinar o cabeça de ela. Velha Simon acha que o cabeça
do meu filha está muito fraco.

MIMOSA Mas neste caso ela devia procurar um especialista em moléstias ner-
vosas.

SIMÃO Mas a dinheiro, senhorra!

MIMOSA O meu filho poderia dar a ela um cartão a um colega qualquer que a atendesse de graça.

SIMÃO Serria uma caridade tão grande! Ela esteve muito nervosa essa noite que passei. Gritava dormindo... chorava... dizia que não fui ela que matei o senhor Harroldo...

MIMOSA O senhor é que me parece muito nervoso, seu Simão. Talvez ela tivesse tido apenas um pesadelo. Isso é muito comum e não tem nenhum perigo.

SIMÃO Mas todas as noites é a mesma coisa, senhorra! Todas as noites! Velhe Simon tem uma mão muito grande que ela fique maluca.

MIMOSA Não há de acontecer isso, se Deus quiser, em todo o caso o senhor pode voltar tranquilo para casa que eu farei o meu filho ir lá examinar Rebeca.

SIMÃO Obrigada, senhorra. Muito obrigado! O senhorra tem uma grande corraçoni...

CONTROLE CORTINA MUSICAL

ASSUNTA Mandou-me chamar, senhora?

IRIS Sim, Assunta, sente-se aí. Precisamos conversar.

ASSUNTA Pois não, senhora. Estou às suas ordens e sou toda ouvidos.

IRIS É sobre minha filha que desejo conversar com você.

ASSUNTA Eu já mais ou menos estava imaginando. A senhora, naturalmente, notou uma transformação muito grande na sua filha, não é verdade? Bem... quer dizer... eu não a conheci antes, mas pelo que ela mesma me conta, parece que mudou muito.

IRIS Realmente. Nem parece mais a mesma Eneí que era aqui. Se você a tivesse conhecido, havia de admirar-se. Era uma menina meiga, carinhosa, obediente, incapaz de levantar a voz para contradizer qualquer coisa que eu ou seu pai lhe dissessemos. Encê chegava a ser quase tímida. Hoje não. Discute... teima... e não aceita conselhos.

ASSUNTA O mal não me parece que seja de sua filha, dona Iris. E nem mesmo de quem a educou nesses últimos anos. O mal, a meu ver, é da época. Quasi todas as meninas da idade dela, são assim hoje. Eu pude verificar isso pelas colegas que iam lá em casa estudar com ela. Elas contavam o que discutiam e respondiam aos professores e eu ficava pasma. E contavam com ufania, de cabeça levantada e achando que tinham feito um verdadeiro ato de bravura em diminuir e achincalhar os professores. Só vendo dona Iris. Só vendo. A avó, coitada, com aquela bondade que a senhora conhece, repreendia... aconselhava-a... suplicava... mas elas achavam que era rebaixar-se tolerarem qualquer caso em silêncio.

IRIS Sim, sim, é isto mesmo. Elas pensam que se rebaixam em aceitar conselhos dos mais experientes. Pensam que já conhecem suficientemente a vida e que, por isso, não necessitam de quem as guie. E é aí que se enganam. Se nós, mais velhas e mais experientes, nos enganamos tantas vezes!... Seu soubessem como a vida é complicada e que

até aos últimos dias estamos sujeitas a graves enganos!...

ASSUNTA

Se soubessem que morremos aprendendo, talvez se tornassem mais dóceis aos nossos conselhos. (TOM) Mas fale, senhora, fale. Diga o que deseja de mim.

IRIS

Eu já tentei fazer com que minha filha me ouvisse mas, numa breve conversa que tive com ela, verifiquei que ela não suportará a minha interferência nos seus assuntos íntimos como verifiquei também que ela não está disposta a respeitar qualquer convenção social ou de amizade que possa entrever a satisfação dos seus caprichos de moça. É só para isso que eu necessito da sua vigilância e da sua solidariedade. Já que não possuímos forças para impedir que ela realize determinados ataques, devemos, pelo menos, avisar os atacados, preveni-los contra ela para que os efeitos desses ataques não sejam de todo desastrosos para as criaturas que constituíram o seu alvo. Está me compreendendo?

ASSUNTA

Perfeitamente, senhora. Estou compreendendo com inteira clareza.

IRIS

Vejo que é bastante inteligente e isso facilitará a execução do meu plano. Sim, porque... eu tenho, em verdade, um plano contra minha filha. Quer dizer... não é propriamente um plano contra ela, que isso seria incompreensível e até mesmo abominável.

ASSUNTA

Está claro. Nem eu pensaria que a senhora fôsse capaz de uma coisa destas.

IRIS

O plano é contra os desmandos que ela pretende praticar.

ASSUNTA

Justamente. Eu compreendi bem, não se preocupe, senhora.

IRIS

De chegada, como você deve ter percebido, ela se entusiasmou pela pessoa do doutor Alexandre e se declarou que há de conquistá-lo a qualquer preço. Ora, o doutor Alexandre é uma pessoa que merece a nossa gratidão e a nossa amizade e eu não posso e não devo sujeitá-lo a se tornar uma distração, ou melhor... a se tornar o alvo dos caprichos de minha filha.

ASSUNTA

Está claro. Não ficaria bem. Dizem que ele foi tão dedicado ao pai dela...

IRIS

Muito. E sem eu confiasse inteiramente em Enocé e achasse que ela poderia vir a gostar sinceramente d'ele, então, é lógico, eu não teria razões para opôr qualquer resistência. Mas quando ela mesma declara que pretende unicamente distrair-se, fazer passar o tempo... a senhora compreende que eu não tenho o direito de me conservar de braços cruzados e permitir esse desrespeito.

ASSUNTA

É claro. Faz muito bem. E ela não poderia nunca vir a gostar do doutor Alexandre, porque eu sei bem que o tipo da sua preferência é outro, completamente diverso. Pelo menos, todos os namorados que arranhou lá em São Paulo eram altos, fortes, tipos verdadeiros de atletas... (TOM) Olhe, a senhora quer que eu lhe confesse uma coisa?

Ela até parece minha filha. Eu também, quando era mocinha, só gostava dos fortes. Eu não era namoradeira, a senhora sabe? Mas quando via um rapaz possante, não podia deixar de olhar muito para ele e se ele sentia e correspondia o meu olhar já eu cerrava os olhos e me imaginava apertada por aqueles braços! (SUSPIRA) Ah tempo bom que vai tão longe!... Coisa triste envelhecer, dona Iris!... Como é triste... A velhice, para quem sonha é mil vezes ~~de~~ que a morte.

IRIS (CONTRAFEITA) Bem, Assunta... não falemos disso agora.

ASSUNTA Oh, sim, desculpe... tem razão... A senhora queria falar outra coisa e eu, sem querer, já comeci a desviar o assunto. A senhora queria pe dir-me qualquer coisa, não era isto?

IRIS Exatamente. E preste toda a atenção ao que lhe vou dizer... O que eu queria de você era o seguinte... *

CONTROLE CORTINA MUSICAL (Cap. 29)

IRIS Compreendeu bem o que desejo e principalmente a razão porque lhe peço para proceder assim?

ASSUNTA Compreendi, senhora. Compreendi perfeitamente.

IRIS E está inteiramente disposta a me ajudar na execução desse plano?

ASSUNTA Como não? Só tenho um receio em tudo isso.

IRIS Qual é?

ASSUNTA De que ele possa dizer qualquer coisa a ela e sair um...

IRIS (CONTANDO) Que esperança. Ele não dirá uma só palavra, tenho absoluta certeza. Inda mais você fazendo a coisa da maneira como eu já lhe disse.

ASSUNTA Pois bem, sendo assim... Na hoje mesmo irei procurá-lo no consultório.

IRIS E eu lhe ficarei a dever um grande favor, Assunta.

ASSUNTA Ora, senhora... nem diga isso, por favor. (TOM) Bem, então agora eu vou me arrumar para procurá-lo logo depois do almoço. Com licença, se nhora.

IRIS Pois não Assunta. Obrigada.

C/REGRA (PASSOS DE MULHER QUE SE AFASTAM/ABRIR E FECHAR DE PORTA)

IRIS Meu Deus!... Não será isto uma indignidade da minha parte? Uma maneira sórdida de afastar um impecilho do meu caminho? Ela é minha filha! E se de fato ela estiver apaixonada por ele? Mas não. Não creio. Não posso crer! E depois... foi ela mesma quem disse que para lutar pela nossa felicidade devemos investir até mesmo contra as pessoas que nos são mais caras!

CONTROLE CORTINA MUSICAL

ALEXANDRE Alguma novidade em casa de dona Iris, dona Assunta?

ASSUNTA Não, doutor. Um assunto particular.

ALEXANDRE Pois não. Estou às suas ordens.

ASSUNTA Doutor... eu não sei de que maneira o senhor irá receber o aviso que lhe venho dar. Eu mesma nem sei como começar... Confesso-lhe que me sinto muito constrangida... É um assunto tão delicado... XXXXXXXXXX

ALEXANDRE Pode falar sem constrangimento. Confesso-lhe mesmo que estou curioso

e... por que não dizer? Ancioso, até.

ASSUNTA Doutor... eu... eu sou uma criatura que tenho sempre pautado a minha vida pela norma da sinceridade, entende?

ALEXANDRE Sim, sim, perfeitamente.

ASSUNTA Não sou uma criatura capaz de uma conversa torpe, unicamente com o desejo de desfazer um sonho ou praticar uma maldade que vá causar tristeza ou aborrecimento a outras criaturas.

ALEXANDRE Estou compreendendo.

ASSUNTA Também não gosto de meter-me nos assuntos que não me competem, ainda quando vejo que posso evitar um mal e que, neste caso, a minha consciência possa depois vir a acusar-me de ter permanecido de braços cruzados diante de uma catástrofe que eu poderia ter evitado.

ALEXANDRE Compreendo, dona Assunta.

ASSUNTA E foi por essa razão que me resolvi a vir ao seu consultório para dizer-lhe o seguinte...

CONTROLE CARACTERÍSTICA MUSICAL FORTE PARA FINAL DO CAPÍTULO

15 COPIAS/AV.